

Lixões são realidade em 75% dos municípios da PB

Apenas 32 cidades fazem descarte correto dos resíduos. Lei estabelece prazo até 2024 para prefeitos regularizarem situação. [Página 6](#)



Foto: Edilson Rodrigues/Agência Senado

Maioria das cidades paraibanas ainda convive com a paisagem desoladora dos grandes lixões, que afetam a saúde da população e o meio ambiente

Entrevista



Foto: Marcus Antonius

50 anos de jornalismo Nonato Guedes fala sobre carreira, política e expectativas. [Página 4](#)

Almanaque

Inselbergs: as "ilhas" rochosas que adornam a cidade de Patos

Nove corpos graníticos irrompem na paisagem típica do Semiárido, contornando a "capital do Sertão". [Página 25](#)

Cultura

Foto: Jefe Kerison/Divulgação



As cores do Sertão Livro de fotografia procura dar um novo olhar sobre a região, com 60 imagens feitas no interior da Paraíba. [Página 9](#)

O primeiro Oscar da pandemia vai ao ar neste domingo

Após um ano atípico, com cinemas fechados em todo mundo, e o adiamento da cerimônia, o cinema, enfim, faz sua festa. [Página 12](#)

Foto: Divulgação

RADAR ECOLÓGICO

Diversidade

Foto: Divulgação



Aventura virtual Museu digital reúne fotografias e documentos que resgatam a história da navegação na Paraíba. Coordenadores também investigam embarcações naufragadas na costa paraibana. [Página 20](#)

Geral

Foto: Evandro Pereira



Empoderadas Com capacitação e investimento, mulheres mudam realidade no campo. [Páginas 18 e 19](#)

Economia

Paraibanos buscam novas opções de investimento

Poupança cede espaço a fundos, títulos e Tesouro Direto, que podem oferecer maior rendimento. [Página 17](#)

Colunas

// Boa política faz quem respeita a natureza e os semelhantes. No fim das contas, estará cuidando de si próprio. O antigo provérbio 'Quem com ferro fere, com ferro será ferido' é de uma atualidade impressionante // [Página 2](#)

Editorial

// No Brasil da extrema pobreza, da urgência sanitária, da crise profunda que vivemos atualmente, a grande imprensa dá destaque à notícia de que uma moça chamada Juliette demorou dez minutos no confessionário do reality show. // [Página 14](#)

Fábio Mozart

Paraíba

Roteiro religioso atrai turistas a municípios da PB

Monumentos, memoriais e estátuas, como a de Frei Damião, em Guarabira, revelam religiosidade do povo paraibano e estimulam o turismo nos municípios. [Página 5](#)

Foto: Divulgação

Abril Verde



Editorial

Sobreviventes

Como é usual em todas as guerras, esta, de agora, deflagra na forma de pandemia, também terá seu fim e, com ele, seus sobreviventes. Entre estes, haverá os que irão pular e bater no peito, vangloriando-se de ter desobedecido aos protocolos de segurança sanitária; de ter tomado o imunizante apenas porque foram obrigados pelo patrão ou pelo poder público, e que estão ali, vivinhos da silva, para contar a história.

Que história terão, para contar, os pabulosos superviventes? A sina dos milhões de pessoas que não tiveram a mesma sorte que eles e padeceram nas enfermarias e Unidades de Terapia Intensiva dos hospitais, boa parte delas habitando a memória dos familiares e amigos? Decerto irão rememorar os artifícios dos quais lançaram mão para burlar as medidas restritivas e curtir a vida com o direito que acreditavam ter.

Ocorre que a vida não tem fórmulas e a história não tem pressa – menos ainda, finais pré-concebidos. Não há como antever o que será o mundo daqui a um ano ou daqui a duas décadas. É possível que pessoas que usaram de escárnio, no tocante à pandemia, sejam vítimas de outros males referentes à covid-19, inteiramente dessemelhantes do grave distúrbio que incapacita os pulmões humanos de oxigenar o sangue.

Não se está aqui a agourar o destino de ninguém. Acontece que existe uma corrente de pensamento, denominada holística, que alerta os seres humanos maquinais para uma realidade que a história já teria tornado insofismável: a interdependência de tudo e de todos, no universo. Ou seja, o todo está nas partes, e vice-versa. Sendo assim, não existem ilhas isoladas, neste mar azul que flutua no espaço imensurável.

Boa política faz quem respeita a natureza e os semelhantes. No fim das contas, estará cuidando de si próprio. O antigo provérbio “Quem com ferro fere, com ferro será ferido” é de uma atualidade impressionante. Quem vive pela espada, morre pela espada. Ninguém está imune às variadas consequências do surto de coronavírus, e quanto mais atenção dedicar ao problema, menos prejuízos acarretará para o mundo e para si mesmo.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

“Brasil: ame-o ou deixe-o”

O governo Médici endureceu o regime, ainda que a nossa democracia já estivesse agonizando desde 1964, a data do golpe. Nunca a repressão foi tão forte. O regime mostrava-se intolerante com os que não comungavam dos seus ideais, ou suas formas de administração, mas, ao mesmo tempo, necessitava passar a imagem de que estávamos vivendo uma fase de desenvolvimento e progresso.

Foi quando surgiu o slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Enquanto tentavam construir um clima de ufanismo, ameaçavam os opositores e descontentes. Era uma forma de dizer que “quem não se dispusesse a servir ao Brasil, de acordo com o que definiam como regra de conduta, melhor seria abandonar o país”. Em outras palavras, estimulava os adversários a deixarem o Brasil, por bem ou por mal.

Esse bordão foi intensamente divulgado através da mídia, outdoors, adesivos e cartazes, espalhados em todo o território nacional. A publicidade tinha o claro objetivo de intimidar, embora trouxesse um sentido de injeção de ânimo patriótico. Quem estava contra, além de cometer o crime de “lesa pátria”, estaria correndo o risco de ser expulso, se não o fizesse por vontade própria.

Assim também, se imaginava poder justificar os atos de crueldade praticados contra os “inimigos” do sistema. Esses deveriam ser tratados com todo o rigor da lei. A lei criada pela ditadura, não a que se entende como ordem legal que respeita a ci-

dadania e os direitos individuais.

Embarcando nessa onda de falso nacionalismo, a dupla Dom e Ravel compôs a canção “Eu te amo, meu Brasil”, cuja letra se ajustava exatamente ao pensamento propagandista dos ditadores. Tocada à exaustão nas rádios, a intenção era conquistar a adesão da juventude, em oposição às músicas de protesto que subliminamente continuavam a ser apresentadas pelos compositores que discordavam do governo.

Ainda que absorvido pelas minhas novas atividades como bancário, continuava acompanhando essas estratégias, apesar de serem poucas as informações verdadeiras que nos era permitido o acesso. Havia o Brasil da propaganda e o Brasil da realidade crua dos subterrâneos da ditadura. A primeira imagem era amplamente divulgada. A segunda ficava propositadamente sem que pudesse ser conhecida do público.

Foto: freepik.com



Artigo

Sitônio Pinto

sitonipinto@gmail.com | Colaborador

Perfídia dos santos

A glória cobra tributo na forma de azar. Foi assim com Glenn Miller (Alton Glenn Miller, 01/03/1904, 15/12/1944): pereceu num acidente aéreo sobre o Canal da Mancha. Por muito tempo, ignorou-se as causas do acidente, enfim reveladas: um grupo de cerca de 100 bombardeiros Lancaster da RAF retornava para a Inglaterra e soltou as bombas que não tinha despejado na Alemanha. Era vedado às tripulações pousarem com seus aviões carregados de bombas – conforme revelou Fred Shaw, navegador de um dos aviões que fazia parte da missão abortada. O avião em que Glenn Miller voava de Twinwood a Paris (um Noorduyn Norseman, do exército dos EUA) passava em baixo do grupo amigo, e foi atingido pelas bombas dispensadas. *Friendly fire*.

Nunca ninguém achou sequer um pedaço do avião, de seus tripulantes e passageiros. Naquele tempo não havia caixa-preta. Faltavam menos de cinco meses para o término da guerra, mas as normas de Miller não esperaram e levaram o grande trombonista, compositor, arranjador e *bandleader*: a completar 40 anos. Durante a guerra, Miller se apresentava com sua orquestra tocando para as tropas em repouso. Gaiatos dizem que aquele som que se ouve nos filmes de guerra, em pleno combate, é Glenn Miller e sua orquestra tocando no front.

Nove anos antes, havia morrido Carlos Gardel, em 24 de junho de 1935, num desastre aéreo em Medellín, na Colômbia, em que o cantor pereceu com toda sua banda e seu parceiro Fernando Le Pera – brasileiro do bairro do Bexiga, São Paulo, de onde teria ido para Buenos Aires aos dois anos de idade. O nascimento de Gardel (Charles Romuald Gardès) é controvertido. Alguns biógrafos dizem que ele nasceu no Uruguai, em Tacuarembó, filho do chefe político Carlos Escayola e da menor Maria Lelia Oliva, de 13 anos. Mãe e filho teriam ido para Buenos Aires quando Gardel tinha dois anos, como seu futuro parceiro Le Pera. Outros dizem

que Gardel nasceu em Toulouse, filho de Berthe Gardès e de pai desconhecido, e teria ido para Buenos Aires aos dois anos, como Lepera.

O cantor e compositor morreu no auge da glória. No entanto, seu maior sucesso – El dia que me quieras – é inspirado nos versos do poeta e romancista mexicano Amado Nervo (João Crisóstomo Ruiz de Nervo), nascido em Nayarit, México, aos 27 de agosto de 1870, e falecido em Montevidéu, Uruguai, aos 24 de maio de 1919. Gardel comprou os direitos autorais à família de Amado, que já havia falecido, e Le Pera deu o toque final à peça, sucesso até hoje.

O Brasil, pátria de Le Pera, ainda perdeu outros músicos em trágicos acidentes. Comoveu o país a morte de Francisco Alves (Chico Viola), em 27 de setembro de 1952, aos 54 anos, em acidente de automóvel, atingido por um caminhão que entrou na contramão. Filho de portugueses, Chico Viola foi o mais popular dos cantores brasileiros.

Com a carreira em plena ascensão, morreu todo o grupo das Mamonas Assassinas – quando o avião em que viajavam chocou-se contra um morro, matando todos os tripulantes e passageiros. Ainda hoje não se sabe a causa do acidente. O grupo estava de viagem marcada para Portugal, aonde iria se apresentar, quando ocorreu o acidente.

Agostinho dos Santos foi um cantor brasileiro de projeção internacional. Morreu num acidente aéreo, em 11 de julho de 1973, a um quilômetro do aeroporto de Orly, na França, quando morreram também a atriz Regina Léclery, o iatista Jorge Brüder e o senador Filinto Müller – que foi chefe do Dops durante a ditadura de Getúlio, quando torturou e matou muita gente, e foi líder do governo no Senado durante a ditadura militar de 1964-1988. Ao todo, foram 123 mortos no voo 820 da Varig. Somente um passageiro e dez tripulantes sobreviveram. O baixo astral de Filinto contaminou a todos.

Você conhece “Perfídia”, na voz de Agostinho dos Santos? Acesse!

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

SE CORRER O BICHO PEGA...

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSAAlbigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Saúde para os que cuidam da saúde

Projeto Cuidando do Cuidador é destinado aos profissionais que vivem tempos de estresse diante da pandemia

Carol Cassoli
Especial para A União

A pandemia do novo coronavírus afetou a todos, indistintamente. Se a maioria de população anda tensa e abatida, com os profissionais da área de saúde a intensidade deste processo é ainda maior. Pensando nisso, o Projeto Cuidando do Cuidador, desenvolvido pela Secretaria de Saúde do Estado (SES), busca manter o bem-estar individual dos profissionais de saúde. Esta ação promove a integração de funcionários da rede pública de saúde, com a realização de práticas terapêuticas para a redução do estresse que o cotidiano desencadeia.

O programa oferece conforto aos funcionários da rede pública de saúde e à população. Mesmo sendo já uma rotina do hospital, com a pandemia o serviço passou por remodelamento, seguindo livre demanda, de segunda à sexta-feira, no período noturno. Atualmente, os profissionais de psicologia visitam

as enfermarias do Complexo Psiquiátrico e, nos três turnos, prestam atendimento aos funcionários que manifestam interesse pelos serviços.

As práticas integrativas são recursos terapêuticos tradicionais voltados ao tratamento e prevenção de doenças físicas e psicológicas. Dentre as atividades mais comuns está a acupuntura (tratamento realizado com agulhas) e a auriculoterapia (feita a partir dos reflexos que os pontos auriculares causam no corpo). No Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, bem como na rede pública, também é oferecido acompanhamento terapêutico através da escuta.

Adriana Brandão trabalha na recepção do Complexo Psiquiátrico e faz uso das práticas integrativas oferecidas para os funcionários do local. Adriana procurou os serviços do 'Cuidando do Cuidador' com a chegada da pandemia. A recepcionista é funcionária do espaço há 14 anos e relata que o serviço está ajudando-

lhe a melhorar de problemas como ansiedade, insônia e dores no corpo.

O psicólogo e coordenador da Gerência Operacional de Atenção Psicossocial da SES, Lucilvo Silva, explica que a população ainda se encontra diante do desafio de entender que outra cultura de vida e proteção precisa ser adotada coletivamente. "Mudanças bruscas de rotina, o medo iminente de contaminação e morte agravam nosso estado de ansiedade, impotência e angústia. Como tudo acontece coletivamente, torna-se até mais fácil justificar a busca e o pedido de ajuda", observa o psicólogo.

De acordo com a assessora da SES, grande parte dos hospitais oferecem serviços semelhantes para seus profissionais como forma de reconhecimento do esforço feito por essas pessoas ao viverem em favor da saúde de toda a população. "As iniciativas priorizam o respeito às singularidades, às questões sociais que permeiam os sintomas e à dig-



Foto: Marcus Antonius

Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira tem práticas integrativas como terapias para prevenir doenças físicas e psicológicas.

nidade de cada cidadã e cidadão que possa necessitar dessa atenção", relata o coordenador de atendimentos psicossociais. Lucilvo aponta que projetos como este são importantes para lembrar aos profissionais que são humanos e necessitam se manter em cuidado também. E, hoje, a atenção a estes profissionais é regular e constante.

Para Adriana Brandão, o resultado é comprovado. A re-

cepcionista concorda com Lucilvo e destaca a importância das práticas integrativas nestes ambientes. "Essas práticas melhoram muito nossas condições para o trabalho e também nosso bem-estar", conclui.

Acolhimento

A política de saúde mental local, de acordo com a SES, tem a meta de que os pacientes do Complexo Psiquiátrico

sejam recebidos e acolhidos pela rede regular de saúde. A política de saúde mental foi reformulada nos últimos anos para que os pacientes psiquiátricos fossem incorporados à rede de saúde regular, na perspectiva de diminuir o estigma destas pessoas. O objetivo é que os pacientes do Complexo Juliano Moreira sejam acolhidos na rede regular de saúde de seus municípios.

Atendimentos ajustados durante a pandemia

Durante a pandemia, o serviço da Rede Estadual de saúde foi reordenado para que o risco de contaminação pela covid-19 seja o menor possível. Assim, há um ano, o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira segue o plano de contingenciamento e todos os serviços ambulatoriais estão suspensos, predominando o atendimento por telemedicina.

"Hoje, acolhemos demandas que estão diretamente relacionadas ao contexto de sofrimento e

luto devido à pandemia de covid-19 e acolhemos muitas queixas relacionadas a sofrimentos antigos que por conta da parada brusca, do isolamento e da solidão se intensificaram, necessitando de atenção, apoio e cuidado urgentes", salienta Lucilvo Silva. Desta forma, recomenda-se que os serviços presenciais sejam requeridos em casos extremos. Devem ser priorizados, portanto, os números de telefone disponíveis para atendimento ambulatorial.

Outros projetos

Além de disponibilizar o 'Cuidando do Cuidador', a SES, por meio da Gerência Operacional de Atenção Psicossocial, conta com outras ações de atenção, cuidado e assistência social e para profissionais da área da saúde. De acordo com Lucilvo Silva, a SES tem 4 projetos principais: 'Suporte Psicológico da Paraíba', 'Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas', 'Orientações Sobre os Serviços da Rede de Atenção

Psicossocial' e o próprio Ambulatório Gutemberg Botelho, dentro do Complexo Juliano Moreira.

"Acolhemos demandas que estão diretamente relacionadas ao contexto de sofrimento e luto devido à pandemia de covid-19"



Foto: pixabay.com

Tratamentos com acupuntura e auriculoterapia são realizados na equipe

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

NEM LULA NEM BOLSONARO: CENTRO SE MOBILIZA PARA LANÇAR TERCEIRA VIA NA CORRIDA PRESIDENCIAL

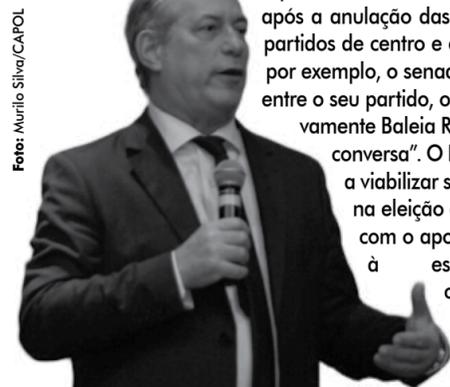


Foto: Murilo Silva/CAPOL

Enquanto o recrudescimento da polarização entre Lula (PT) e Bolsonaro (PSL) se estabelece, sobretudo após a anulação das condenações do ex-presidente petista pelo STF, que o torna novamente elegível, partidos de centro e centro-esquerda almejam a possibilidade de lançar uma terceira via. Esta semana, por exemplo, o senador Veneziano Vital do Rêgo mencionou que estão em curso conversas preliminares entre o seu partido, o MDB, e o Cidadania – mencionou que os presidentes das duas legendas, respectivamente Baleia Rossi e Roberto Freire, se reuniram, gerando, em sua visão, "um fato [político] após a conversa". O PDT – leia-se **Ciro Gomes** (foto) – também já colocou seu 'bloco na rua', no que tange a viabilizar sua candidatura a presidente da República. E parece ter a mesma intenção que tinha na eleição de 2018: descolar-se do PT de Lula e fazer o enfrentamento à gestão de Bolsonaro, com o apoio de outras forças políticas não alinhadas com o que ele chama de "extremismos" à esquerda e à direita. O anúncio da contratação do marqueteiro João Santana para conduzir a comunicação do PDT é uma pista de que **Ciro Gomes** irá, novamente, para o embate das urnas, em 2022. A contratação é emblemática: João Santana foi o responsável pelas campanhas políticas vencedoras de Lula, em 2006, e de Dilma Rousseff, em 2010 e 2014.

CONCORRÊNCIA ACIRRADA

Todos os cargos eletivos a serem disputados no próximo ano, na Paraíba, serão desafiantes para os candidatos, isso é ponto pacífico. Mas um, em especial, deverá registrar concorrência acirrada: o de senador. E o fato de ter apenas uma vaga em disputa, só concorre para essa situação.

POR ENQUANTO, TRÊS

Ao menos três nomes estão postos como pré-candidato ao Senado: Bruno Roberto (PL), Aguinaldo Ribeiro (PP) e Efraim Filho (DEM). Este último é o mais contundente: assume, publicamente, a sua intenção, e já contabiliza apoios importantes: mais de meia dúzia de deputados federais e estaduais, além de um senador, Veneziano Vital do Rêgo (MDB).

"MAIS DE 50 PREFEITOS"

A propósito de Efraim Filho, ele voltou a afirmar que a sua pré-candidatura ao Senado "não é balão de ensaio" e que ele "tem coragem e disposição" para ir à disputa. De acordo com o parlamentar, em breve, "mais de 50 prefeitos" irão declarar, conjuntamente, apoio à sua postulação.

AINDA ASSIM, PROTAGONISTA

"O MDB não é cabeça de chapa, isso vem ocorrendo há vários anos". Do senador Veneziano Vital do Rêgo, reportando-se ao fato de que o seu partido, em nível nacional, deverá compor chapa ou apoiar outras candidaturas. Em sua avaliação, o MDB não trabalha com a ideia de lançar uma candidatura própria, mas quer ser protagonista nessa construção.

SERÁ O RELATOR

Vice-líder da oposição na Câmara dos Deputados, Gervásio Maia (PSB) será o relator do projeto de lei, enviado pelo Palácio do Planalto, que trata da privatização dos Correios, na Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática. A proposta cria um novo marco legal dos serviços postais no país, que serão abertos à iniciativa privada.

ANA CLÁUDIA: EM CAMPINA TUDO CONTINUA NA MESMA

De Ana Cláudia Vital do Rêgo, em crítica à gestão de Campina Grande: "Enquanto existe um esforço de gestores pela segurança alimentar, o prefeito fecha os restaurantes populares e cozinhas comunitárias. Só o Governo do Estado está distribuindo 2.500 refeições diárias na cidade. Continuam os mesmos problemas. Trocou-se só de nome, de Romero para Bruno".

Nonato conta que, durante o regime militar, teve matérias censuradas, mas não chegou a ser preso ou molestado por agentes da repressão, "exceto um empurrão de um agente de segurança quando me aproximei do presidente Figueiredo"

Foto: Marcus Antonio

Nonato Guedes,
Jornalista

"É muito forte o sentimento de que ditadura, nunca mais"

Um dos mais destacados profissionais de imprensa do estado avalia os tempos atuais da política brasileira

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Jornalista "de batente", porque não estudou na universidade, mas com um currículo respeitado, que o credencia a atuar em impor-

tantes empresas de Comunicação Social do país. O paraibano natural de Cajazeiras, Nonato Guedes, completou no mês de março 50 anos de profissão, quase todos dedicados à política. O primeiro emprego com carteira

assinada foi aos 13 anos, na Difusora Rádio Cajazeiras, como auxiliar de recepcionista. A partir daí, ele não se afastou mais dos veículos de imprensa, pelo contrário, ficou mais íntimo, aprendeu na prática muitos dos ensi-

namentos que só viriam a ser transmitidos aos paraibanos bem depois, no curso de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba, que surgiu em 1977, seis anos após Nonato ser apresentado ao

universo midiático. Na bagagem, muitas histórias da época da Ditadura Militar, da instauração da Constituição de 1988 e lições aprendidas nos percalços e conquistas de sua trajetória. Confira a entrevista que Nonato Gue-

des concedeu ao Jornal A União e conheça um pouco mais da vida deste sertanejo, filho do pequeno comerciante Joaquim Nonato de Aquino (já falecido) e da doméstica Josefa Guedes de Aquino.

A entrevista

Em quais veículos de imprensa você trabalhou e que funções desempenhou?

A Carteira de Trabalho do Menor, que guardo em meu arquivo, registra minha admissão pela Difusora Rádio Cajazeiras, como auxiliar de recepcionista, em 1º de março de 1971. Fui admitido pela Rádio Alto Piranhas, também de Cajazeiras, em 1972, como redator auxiliar. Em 1978, cheguei a João Pessoa para trabalhar na Rádio Correio e no Jornal Correio, que funcionavam na Rua Barão do Triunfo. Em pouco tempo, passei a assinar a coluna política de João Manoel de Carvalho como redator-substituto e mais tarde atuei como colunista político em jornais e revistas da Paraíba. Mas minha atividade principal era a de repórter-redator, incumbido pelas chefias de produzir entrevistas com figuras de repercussão. Nesse ínterim fui chamado para ser correspondente do jornal O Estado de S. Paulo na Paraíba, tendo assinado matérias de grande interesse jornalístico. Trabalhei no Correio da Paraíba, O Norte, A União, O Momento, Rádios Correio, Tabajara e Arapuan, TV Cabo Branco (locutor-entrevistador), revistas A Carta e Bastidores, sites RepórterPB, do mano Linaldo Guedes, e, ainda atualmente, Os Guedes, pilotado pelo mano Lenilson. Fui editor em A União e Correio da Paraíba e superintendente de A União. Na Universidade Federal da Paraíba, fui redator da Reitoria, com passagens pela Assessoria de Comunicação e pela Editora Universitária. Fui vice-presidente e presidente da Associação Paraibana de Imprensa.

raibano. Seu pai tinha um pequeno comércio e sua mãe era doméstica. Como ocorreu a relação do menino Nonato com os veículos de imprensa?

A escolha pelo jornalismo foi uma vocação. Eu ajudava meu pai, na mercearia, num bairro pobre de Cajazeiras, e quando não havia clientes, botava para funcionar uma engenhoca artesanal que servia como microfone, em que eu lia matérias e manchetes do Jornal Correio da Paraíba, que meu pai comprava duas vezes por semana. Procurava "imitar" locutores das emissoras locais, que eram meus ídolos, e com os quais vim a trabalhar pouco tempo depois. Com a venda da mercearia por papai, fiquei focado apenas nos estudos e foi ele que me orientou a procurar trabalho, "de preferência em rádio, que é o que você gosta". De office-boy a redator foi um passo e, na sequência, locutor-entrevistador e locutor-noticiário.

Você foi um espelho para seus dois irmãos?

Dois outros irmãos meus são jornalistas, formados pela Universidade Federal da Paraíba: Lenilson Guedes e Linaldo Guedes - este, também, escritor e editor literário. Ambos seguiram minha vocação e Lenilson mantém, em João Pessoa, o site "Os Guedes", com enfoque no noticiário político.

Quando começou a cobrir política?

Em junho de 1978, quando cheguei a João Pessoa, procedente de Cajazeiras. Era repórter de política e atuei também como colunista, incursionando por matérias culturais e temas de interesse geral.

Então, a predileção por política existiu des-

de cedo?

Sim. Desde minha militância em Cajazeiras, onde cobri Executivo e Legislativo e entrevistei figuras de destaque da política estadual e nacional. Cheguei a assessorar políticos, inclusive em Brasília, onde residi por um tempo, mas nunca fui filiado a nenhum partido, nem disputei qualquer mandato eletivo. Sempre fui um espectador e analista dos acontecimentos. Atuei politicamente de forma profissional.

Além de desempenhar várias funções no jornalismo, você também é escritor?

Sou coautor de livros como "O Jogo da Verdade - Revolução de 64 - 30 Anos Depois", "Política & Poder na Paraíba", e autor do livro "A Fala do Poder".

Nesses 50 anos de jornalismo, muitos deles dedicados à política, qual a principal lição que fica na relação entre poder e bem-estar social?

A de que o poder, por mais que tenha avançado em políticas públicas, ainda está muito distante da realidade vivida pela sociedade. O problema é que há uma dívida social muito grande, acumulada por diferentes governos, e, em muitos casos, as prioridades definidas pelo poder não são as prioridades vivenciadas ou desejadas pela população. Esse divórcio na relação poder-sociedade só será superado se houver sensibilidade, que se torne um compromisso, por parte das camadas dirigentes.

Você acompanhou a cobertura política na época da Ditadura Militar. Que momentos marcantes você enfrentou nessa época?

Fui o único repórter a divulgar, no Brasil, na década

de 70, na Rádio Alto Piranhas, de Cajazeiras, a prisão e tortura do ativista político de esquerda Edval Nunes da Silva, "Cajá", paraibano que morava no Recife e era ligado a movimentos pastorais da Arquidiocese, no período de Dom Helder Câmara. Colhi a notícia no rádio-escuta da BBC de Londres (transmissão em português). A Rádio Alto Piranhas, que pertencia à Diocese de Cajazeiras, ficou fora do ar por 48 horas e fui advertido pela direção para não reincidir na divulgação de matérias "censuradas".

Você teve matérias barradas pelo regime ditatorial?

Tive, aí, sim, matérias censuradas, mas não cheguei a ser preso ou molestado por agentes da repressão - exceto um empurrão de um agente de segurança quando me aproximei do presidente Figueiredo, durante visita sua a Alagamar, na Paraíba. Outro fato marcante: fiz, na Estância Termal de Brejo das Freiras, a última entrevista com o deputado Alencar Furtado, do grupo autêntico do MDB, antes da cassação do seu mandato. A entrevista foi ao ar no período da tarde na Rádio Alto Piranhas e, à noite, Alencar Furtado estava cassado. Foi mera coincidência, claro. A cassação dele se deveu a pronunciamentos contundentes contra o regime na tribuna da Câmara dos Deputados.

Desde o momento da Ditadura Militar até o governo Bolsonaro, que fatos impactantes, que mudaram os rumos do país, você citaria?

A concessão da anistia, com o retorno dos exilados, a volta das eleições diretas e a Assembleia Nacional Constituinte, que legou aos brasileiros a Constituição-

-Cidadã. O grande impacto, na verdade, pode ser resumido num fato: a consciência democrática no Brasil está cristalizada junto à maioria da sociedade. É muito forte, hoje, o sentimento de que 'ditadura, nunca mais'. Não acredito que haja ambiente para o retorno a um regime antidemocrático. Manifestações nesse sentido podem ocorrer ou sempre ocorrerão, mas partirão de grupos minoritários. A sociedade está vacinada contra ditaduras, contra o autoritarismo.

Como você analisa o atual momento político nacional, com todas as turbulências políticas, em meio a uma pandemia?

Analiso com sincero pesar o registro de turbulências políticas em plena pandemia, na maior crise sanitária de todos os tempos. Não é apenas um des-serviço, mas uma profunda falta de empatia para com o sofrimento de milhares de pessoas. É preciso ressaltar, porém, que as turbulências são alimentadas por expoentes do governo Bolsonaro e por segmentos radicais que querem destruir a democracia, porque nunca tiveram compromisso com ela. Tais segmentos e expoentes precisam ser combatidos sem concessões pela porção consciente da sociedade brasileira.

Como avalia a postura do eleitor? Mudou muito nas últimas décadas? Continuaram cometendo as mesmas falhas de outrora na hora de escolher seus governantes?

Lamentavelmente ainda é falha a postura do eleitor, do ponto de vista de conscientização, para a escolha correta de representantes políticos. O filtro por parte do eleitorado deixa muito a

dejar, e o resultado é que isto retarda o aprimoramento completo do sistema institucional e político do Brasil. Mas a pedagogia da conscientização é, inexoravelmente, lenta, gradual, não ocorre num passe de mágica. Entre perdas e ganhos, dá para contabilizar êxitos formidáveis no campo da cidadania e da conscientização política.

Na sua carreira, você vivenciou algumas transições como a de repórter e editor até analista político. O que é necessário ao profissional para vivenciar essas transições e não ficar estagnado?

É exatamente não ficar estagnado. O profissional de imprensa que se preza tem que ter a capacidade de estar se reinventando a cada dia e, ao mesmo tempo, procurando aperfeiçoar sua formação cultural através de livros-chaves e do intercâmbio com pessoas que podem acrescentar, no contexto da pluralidade de ideias e informações. Não é dado ao jornalista o direito de se acomodar. Sempre tive a convicção de que o bom jornalista é essencialmente o repórter. E o repórter é aquele que nunca está satisfeito com informações telegráficas. O bom repórter é aquele que sabe ler nas entrelinhas. Este é o segredo.

Para o jornalista novato, que deseja se aperfeiçoar na cobertura política, qual a mensagem que você deixa?

Que ele nunca tenha vergonha ou acanhamento de perguntar. Só pela pergunta, pela curiosidade, é que se chega ao conhecimento. Este deveria ser o mantra de todo jornalista comprometido com seu mister.

Conhecido como produtor de sisal, o município de Barra de Santa Rosa, no Agreste paraibano, também é famoso por ter uma praça com árvores estilizadas. [Página 8](#)



Foto: Divulgação

Fotos: Divulgação

Cristo Rei, em Cajazeiras, Frei Damiano, em Guarabira, e o Cruzeiro de Roma, em Bananeiras, fazem parte do roteiro de monumentos religiosos



Roteiro de fé, devoção e turismo religioso pela PB

Memoriais, monumentos e estátuas atraem fiéis e turistas e reforçam as raízes religiosas de vários municípios

Carol Cassoli
Especial para A União

É difícil pensar num momento em que a fé e a História da Paraíba não se cruzem. Em 436 anos, a religiosidade foi, lentamente, se inscrevendo no cotidiano da população. E esta inscrição se dá de todas as formas. A manifestação religiosa, especialmente católica, permeia grande parte dos municípios paraibanos e, em muitos deles, se materializa através de memoriais, monumentos e estátuas em ode a figuras de grande representatividade espiritual.

É o caso de cidades como Guarabira, que guarda o Memorial Frei Damiano, Itaporanga, com a grande estátua do Cristo Rei que abençoa a cidade e a própria João Pessoa, onde o Santuário da Penha convida multidões de devotos a se ampararem sob olhos da clemente Nossa Senhora da Penha.

Reconhecida internacionalmente pelo São João de Campina Grande - o maior do mundo -, a Paraíba guarda muitos símbolos da religiosidade popular; parte deles material. Do Sertão ao Litoral, as figuras de notoriedade religiosa permeiam o estado e se tornam

atrativos turísticos à medida que recebem visitas de todo o país. Os pontos estimulam o turismo religioso do estado e, de certa forma, colaboram para o desenvolvimento econômico de suas localidades.

Além disso, os pontos que caminham com a fé da população contribuem para que os visitantes tenham suas expectativas correspondidas ou superadas. De acordo com a Pesquisa Anual do Desempenho do Turismo na Região Metropolitana de João Pessoa, por exemplo, até 2020 - ano de grande restrição turística por conta da covid-19 - 68% dos turistas que visi-

taram a região, que conta com destaques da fé popular, encontraram o que imaginavam. Já outros 29% se surpreenderam com a capital e consideram que os atrativos locais ultrapassaram o aguardado.

Importância

A doutora em Ciências da Religião Danielle Ventura explica que a religiosidade popular se manifesta de maneira curiosa e segue de forma diferente da religião oficial, porque, muitas vezes, figuras não reconhecidas oficialmente, são alvo de devoção da população; que deposita intenções sobre o

significado santo da história que cerca estas personalidades.

"Algo interessante da religiosidade popular são os ex-votos e as cartas de devoção" Danielle, que também é historiadora, comenta que os fiéis deixam elementos como carteiras de trabalho, fotos e placas como símbolo da gratidão das pessoas pela graça alcançada. A teóloga lembra que até mesmo já protagonizou uma gratificação a Nossa Senhora da Penha quando deixou um tijolo na Sala dos Milagres do Santuário para agradecer a santa pela construção de sua casa.

Roteiro

João Pessoa

A capital abriga, em seu centro histórico, um dos mais importantes mosteiros do país. O Mosteiro de São Bento, construído com a chegada dos beneditinos à cidade, é representado pela grande cruz localizada em frente ao local. Ponto de referência do conjunto composto pela igreja (do séc. XVIII) e sede do mosteiro (do séc. XVII), a Cruz do Mosteiro de São Bento é datada de meados de 1590 e representa uma das referências da prática religiosa católica na cidade; fazendo parte do espaço tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). De acordo com o Iphan, o Mosteiro, a igreja e a cruz que os simboliza refletem um dos monumentos barrocos mais importantes do Brasil. Também situado em João Pessoa, o Santuário de Nossa Senhora da Penha reúne, anualmente, 500 mil fiéis que romam por 14 quilômetros até a grande figura erguida em louvor a Nossa Senhora da Penha. A tradição dos devotos se tornou patrimônio imaterial do estado e já é mantida há 257 anos no bairro que leva o nome da santa e abriga a estátua, de aproximadamente 6 metros, que recebe o público.

Bananeiras

No Agreste, a cidade de Bananeiras também se insere no roteiro de fé peregrina do estado. Lá se encontra o antigo Cruzeiro de Jesus, Maria e José (popularmente conhecido como Cruzeiro de Roma), local tido como santo e referência turística da cidade. O Cruzeiro se destaca por estar em uma região de elevação geográfica e, assim, proporcionar uma vista panorâmica do município e de cidades vizinhas; sendo possível até enxergar a Estátua de Frei Damiano, em Guarabira.

Construído em 1899, o monumento foi erguido, com autorização de Padre Cícero e do Papa Pio XII, para que as pessoas que não tinham condições de ir até Juazeiro do Norte pudessem pagar suas promessas. Conforme solicitações de Padre Cícero, o cruzeiro - que posteriormente foi acompanhado por uma capela - está localizado na colina mais alta da região e tem sua frente voltada ao nascer do sol, seguindo a mesma direção da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte. Além do cruzeiro e da capela, o ponto turístico recebeu, em 2000, a Porta Santa, inaugurada nas festividades do Jubileu da Arquidiocese de Guarabira. Segundo a fé, quem passa pela porta, recebe bênçãos e o perdão divino.

Fagundes

A 30 minutos de Campina Grande, Fagundes reserva a Pedra de Santo Antônio a seus visitantes. O local é visitado por fiéis em busca de bênçãos do santo conhecido como casamenteiro. E, ao contrário de outros símbolos da fé popular, não ganhou destaque por seu envolvimento na História, mas sim pela crença de que o local se tornou santo, após a aparição da imagem de Santo Antônio entre a fenda da pedra de mais de 30 metros. Desde então, fiéis sobem cerca de 5 quilômetros até o local onde a rocha se encontra. Segundo os costumes, os solteiros devem passar embaixo da rocha e os casados devem atravessar a fenda da Pedra de Santo Antônio para continuarem tendo sucesso em seus relacionamentos. "A fé peregrina é algo encantador. As pessoas se agarram naquela fé e têm o local como sagrado", Danielle explica que ambientes como a

Pedra de Santo Antônio são alvo de devoção, busca por paz e respostas mais diversas para todos os tipos de situações.

Guarabira

Um dos mais famosos pontos de fé peregrina do estado, o Memorial Santuário Frei Damiano foi construído em Guarabira como homenagem a Frei Damiano de Bozzano, um religioso missionário que atuou no Nordeste e tem inúmeras graças creditadas a si. Em dezembro de 2004, a inauguração do Memorial reuniu, segundo a prefeitura de Guarabira, mais de 50 mil fiéis que se aglomeraram para ver a terceira maior estátua do Brasil ser oficialmente apresentada ao público. Atualmente, o local é referenciado como ponto turístico do agreste e integra o roteiro dos Caminhos do Padre Ibiapina.

Patos

Outro patrimônio imaterial da Paraíba, o Parque Religioso Cruz da Menina teve seu reconhecimento oficializado no fim do ano passado. A capela e sua cruz simbolizam o respeito e a devoção da população de Patos à uma criança brutalmente assassinada pela mãe no século XX. Anos após a construção da capela que acompanha a cruz, a demanda de visitantes do local foi ultrapassada e uma estrutura maior foi construída para comportar todos os turistas e devotos que vão a Patos. Atualmente a capela é ponto de encontro de peregrinos que atribuem à menina milagres e bênçãos. Danielle Ventura observa que existe, na religiosidade popular, grande comoção quando as situações tratam de

crianças. "As pessoas têm muito esta questão da criança como uma figura sagrada e isso independe da religião oficial", analisa a historiadora.

Cajazeiras

Já no alto sertão é possível encontrar, ainda, um grande atrativo turístico local, a estátua, que simula um dos mais conhecidos cartões postais do mundo, apresenta a figura de Cristo de braços abertos localizado sobre o morro do Cristo Rei. A estátua tem 81 anos e, em 2019, foi alvo de iniciativas em prol da revitalização e preservação do ícone que, há anos, tornou-se alvo da depredação e do descuido público. Sua representatividade para a população - que, de acordo com o IBGE, é majoritariamente católica - é tão grande que, em 2018, uma nova estátua foi erguida. A cópia do Redentor foi posta em um sítio na zona rural da cidade e recebe as intenções dos fiéis que passam pela região.

Itaporanga

Inspiro na religiosidade da população de Cajazeiras, o Cristo Rei de Itaporanga surgiu como iniciativa de Padre Zé em 1955. À época Itaporanga sofria com a seca e era marcada pela disputa de terras, gerando altos níveis de violência na região. Ao observar a situação em que se encontrava a sociedade, o sacerdote realizou uma promessa, em que se suas preces fossem ouvidas, seria construído na cidade um Cristo semelhante ao de Cajazeiras. O presbítero, no entanto, não pôde ver, décadas mais tarde, a figura sendo inaugurada na Festa de Cristo Rei, em novembro de 2000. Padre Zé faleceu aos 75 anos, em 1973.

Mais da metade das cidades da PB dependem dos lixões

Dos 223 municípios paraibanos, apenas 32 fazem o descarte correto de resíduos sólidos em aterros sanitários

André Resende
andreolimpio89@gmail.com

Montanhas de resíduos sólidos. Detritos compactados e triturados pelos caminhões e despejados em áreas descampadas afastadas dos centros urbanos. Urubus e pessoas dividindo espaço na busca por material reciclável e comida. Por vezes, ambos por comida. Os lixões foram por décadas um cenário desolador nas grandes cidades. Uma paisagem que, no entanto, vem mudando desde a Política Nacional de Resíduos Sólidos em vigor desde 2010. Na Paraíba, até a presente data, 14,4% das cidades fazem o descarte correto do lixo.

Um levantamento feito pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB) no painel de resíduos sólidos, disponível no site do tribunal, apontou que 32 cidades paraibanas ou possuem aterro sanitário ou utilizam a estrutura de outro municípios para o descarte correto do lixo. João Pessoa e Campina Grande, as duas cidades mais populosas do estado, contam com seus próprios aterros sanitários operados por empresas privadas.

O debate sobre o manejo dos resíduos sólidos tem sido cada vez mais pautado no país, principalmente após o Congresso Federal ter adiado por mais uma vez os prazos dos marcos regulatórios para o fim dos lixões nos municípios brasileiros em dezembro de 2020. Agora, as capitais têm até agosto de 2022, cidades com população entre 50 e 100 mil habitantes têm até 2023 e as demais menos de 50 mil habitantes têm até 2024.

A professora do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da UFPB, Cláudia Nóbrega, comenta que, embora o marco regulatório tenha sido estabelecidos prazos, que foram prorrogados por pelo menos duas vezes, a lei federal que estabeleceu o Plano Nacional de Resíduos Sólidos data de mais de uma década. Em outras palavras, há mais de 10 anos a maior parte dos municípios não cumprem a lei.

“O plano previa um prazo até 2014, que não foi cumprido e por isso criado o marco regulatório, que, por sua vez, também não foi cumprido e adiado mais

uma vez. Infelizmente o que vemos é uma falta de cuidado dos gestores no manejo dos resíduos sólidos. A partir do momento que o Governo Federal vai dando mais prazo, eles não vão sendo mais levado a sério”, critica a professora.

Ela ressalta que além da questão histórica e cultura em que o lixo não é tratado como despesa ou como algo que mereça investimento, a questão deve ser ainda menos tratada pelos prefeitos por conta do momento de pandemia, que acarreta a queda de arrecadação dos municípios. Outro fator que dificulta o tratamento adequado do lixo pelos gestores é o impacto político. Muitos prefeitos preferem investir os recursos em obras visíveis à população a fim de gerar uma boa impressão em seus eleitores.

“Muitas vezes os municípios menores têm recursos disponíveis para esse manejo a partir de programas federais e o gestor nem sabe que existem esses recursos, sobretudo os das pequenas cidades. A lógica do lixão é a de limpar a casa e jogar a sujeira para debaixo do tapete. O problema é que com a tecnologia e com o crescimento das cidades, o cidadão passa não só a fiscalizar de uma forma mais eficiente, como também de se incomodar com aquele modelo de gestão dos resíduos sólidos”, atenta Cláudia Nóbrega.

Atuação do MPPB põe fim a descarte criminoso em 46 municípios

Em paralelo ao que estabelece as normas federais, o Ministério Público da Paraíba tem feito o papel de fiscalizar o manejo do lixo por parte dos gestores municipais. O MP criou o projeto Fim dos Lixões em 2018, iniciativa que permitiu a assinatura do TAC citado por George Coelho, presidente da Famup.

Conforme levantamento mais recente da Comissão de Combate aos Crimes de Responsabilidade e à Improbidade Administrativa (Ccrimp), pelo menos, 46 prefeitos viabilizaram a destinação correta dos resíduos sólidos através desse projeto. Esse número só foi possível porque a Procuradoria-Geral de Justiça firmou no TAC um prazo de um ano para que os prefeitos adequassem o

+ Gestores públicos estão cada vez mais preocupados

As cidades tinham até o dia 31 de dezembro de 2020 para elaboração do plano de gestão de resíduos sólidos, com base no marco regulatório. Segundo dados do painel de Resíduos Sólidos do TCE-PB, até abril, 92 municípios tinham cumprido esta etapa, enquanto outros 13 não tinham apresentado qualquer informação a respeito do plano de gestão de resíduos sólidos, um número corresponde a quase 59% das cidades da Paraíba.

A realidade ainda está muito distante do ideal, mas o cenário poderia ser bem pior. George Coelho, presidente da Federação dos Municípios da Paraíba

(Famup), ressalta que a preocupação com o tratamento do lixo tem aumentado nos últimos anos. Em 2018, a maioria dos gestores municipais assinaram um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com o Ministério Público da Paraíba assumindo compromisso de cuidar melhor do lixo para que não houvesse responsabilidade penal contra os próprios gestores.

George Coelho explica que a maioria dos municípios da Paraíba são de pequeno porte, com poucos habitantes, o que dificulta a logística do manejo. “Muitos não têm orçamento para levar o lixo para aterros sanitá-

rios de outras cidades, que seria o tratamento correto. Com esse novo prazo do marco regulatório, acreditamos que as prefeituras menores vão ter tempo de organizar essa questão”, garantiu.

Na Paraíba, com base nos novos prazos, a cidade de Patos tem até o próximo ano para resolver a situação. Por sua vez, Cajazeiras, Guarabira e Sapé têm até agosto de 2023 para pôr fim aos lixões, tendo em vista que Cabedelo, Bayeux e Sousa já fazem o descarte em aterro sanitário. Outros 170 municípios paraibanos, todos com menos de 50 mil habitantes, precisam acabar com os lixões até 2024.

Projeto prevê construção de galpões de reciclagem

O presidente da Famup, George Coelho, explicou que muitos municípios estão na expectativa do projeto a ser desenvolvido em parceria com o Governo da Paraíba, para construção de oito galpões de coleta e reciclagem de resíduos sólidos. Segundo ele, com a construção dessas estruturas, a estimativa é de que pelo menos 45 pequenos municípios da Paraíba tenham um incentivo

para melhorar o descarte.

“Como é muito caro mandar todo o lixo para um aterro sanitário em outra cidade, muitas vezes até relativamente distante, a construção dos galpões ajudaria a diminuir esse volume de lixo, porque uma parte seria levada para a reciclagem, fazendo com que fosse mais viável levar o restante do lixo para aterros sanitários”, explicou.

Ainda segundo George Coelho, cada galpão teria a capacidade de atender pelo menos cinco cidades cada um. Além de contribuir com as prefeituras na gestão dos resíduos sólidos, a iniciativa geraria empregos nas cidades, porque muitas associações seriam integradas na gestão dos galpões para trabalhar na reciclagem do lixo, avalia o presidente da Famup.

de depósito de lixo ao que manda o Plano Nacional de Resíduo Sólido sob a condição de não serem responsabilizados penalmente.

O procurador-geral de Justiça, Francisco Seráfico Ferraz da Nóbrega Filho, explicou que, à época, estava prestes a denunciar em torno de 90% dos prefeitos paraibanos por depositarem resíduos sólidos em lixões.

“Decidimos tentar uma última solução extrajudicial para o problema, porque entendemos

que os processos judiciais são demorados e, mesmo a condenação dos gestores não é garantia da extinção do crime. Então, propomos o ANPP aos prefeitos. Os que se recusaram a assinar os acordos de não persecução penal e os que assinaram e não cumpriram dentro do prazo previsto estão sendo denunciados, após vistorias técnicas nas localidades. Todos tiveram a oportunidade de resolver a situação”, explicou.

Francisco Seráfico, juntamente com os promotores que atuam nos municípios, também propuseram aos prefeitos a assinatura de termo de ajustamento de conduta (TAC) para a recuperação da área degradada, no prazo de cinco anos. Após o fim deste prazo, também devem ser feitas fiscalizações para certificação do cumprimento e providências cabíveis.

De acordo com informações do coordenador da Ccrimp, o promotor de Justiça Eduardo Torres, o Ministério Público encaminhou à Justiça 38 pedidos de extinção de punibilidade dos prefeitos que cumpriram o acordo (oito deverão ser feitos nos próximos dias, totalizando 46) e 37 pedidos de rescisão do acordo, pelo não cumprimento.

Dentre os prefeitos que

não cumpriram, 22 foram denunciados por crime ambiental, até agora. À medida em que as fiscalizações ocorram, podem ser feitos novos pedidos e novas denúncias. Alguns processos estão sendo encaminhados às promotorias de Justiça, visto que alguns gestores que assinaram os acordos não estão mais nos cargos, levando em conta que a Ccrimp atua nas investigações e na persecução judicial de agentes públicos estaduais e municipais detentores de prerrogativa de foro especial.

Plano Nacional de Resíduos Sólidos prevê o fim dos lixões até 2024.

Foto: Edilson Rodrigues/ Agência Senado



Fim dos chamados lixões é um dos maiores desafios ambientais dos dias atuais

Tecnologia tem auxiliado estado a inibir entrada de objetos em presídios

Scanners e uma ação cada vez mais rigorosa têm dificultado o acesso dos detentos a drogas e telefones celulares

Cardoso Filho
josecardosofilho@gmail.com

A entrada de material ilícito nos estabelecimentos prisionais do estado está se tornando cada vez mais difícil. Para que isso se tornasse possível, o Governo do Estado vem investindo na aquisição de equipamentos e na qualificação dos policiais penais que integram a Secretaria de Administração Penitenciária (Seap). A instalação de scanners corporal e de bagagem faz parte do trabalho para inibir a ação, principalmente de familiares de apenados, pois o equipamento detecta qualquer objeto dentro do corpo e da bagagem.

Com a dificuldade para entrar nos presídios com drogas, e também pela suspensão, em parte, da visitação, pessoas ligadas ao crime criam táticas para tentarem introduzir drogas e celulares, entre outros materiais ilícitos, nos estabelecimentos prisionais. Eles utilizam desde uma simples marmita, geralmente com comida misturada com drogas, até um freezer, como foi o que aconteceu em um presídio no Sertão do estado.

“Os suspeitos tentam vários meios para ludibriar a fiscalização policial para introduzir material ilícito nos presídios”, disse Ronaldo Porfírio, gerente do sistema prisional do estado.



Fotos: Ascom / Seap

Apreendidos com frequência pela segurança, drones podem transportar até cinco quilos de material e são utilizados para colocar drogas e celular dentro dos presídios



Fiscalização é rígida nos estabelecimentos prisionais da Paraíba



Vários celulares e entorpecentes já foram apreendidos durante a fiscalização realizada pelos policiais penais

Antigamente, familiares e outras pessoas que iam aos presídios, nos dias de visitação, eram revistados numa sala, onde passavam por constrangimentos. Atualmente, são utilizados scanner corporal e outro equipamento que pode detectar material ilícito em qualquer recipiente. Assim, já foram apreendidos celulares e drogas em produtos alimentícios, dentro de material de limpeza (principalmente em sabonetes e sabão), dentro de cano de PVC, nos solados dos sapatos, entre outros locais.

No ano passado, foram realizadas, em alguns estabelecimentos prisionais, mais apreensões de drogas que as Polícias Civil e Militar fizeram nas ruas. “Tiramos de circulação mais de 500 quilos de drogas de dentro das unidades prisionais”, revelou Ronaldo Porfírio, além de celulares e outros ilícitos, como armas artesanais e objetos eletrônicos de comunicação.

Ultimamente, devido a suspensão das visitas por conta da pandemia de covid-19,

criminosos têm se utilizado de objetos arremessados para dentro dos presídios. Segundo Porfírio, quase que diariamente os policiais penais interceptam arremessos, em geral, celulares e drogas, que seriam “pescados” pelos apenados durante o banho de sol. “Mas eles não encontram, porque, geralmente, conseguimos interceptar antes”, comemora.

O uso de drone tem sido cada vez mais comum para arremessar esse material. Somente este ano, o número de apreensões dessas aeronaves superou 2020 inteiro. Na última apreensão, em Cajazeiras, os policiais penais ainda prenderam os dois “pilotos” do drone, que foram encaminhados à delegacia e autuados por tráfico de droga. O equipamento estava com cocaína e alguns celulares.

Os aparelhos, disse Porfírio, sobrevivem numa altura difícil de alcançá-lo, no entanto, em Cajazeiras, os policiais utilizaram uma arma de calibre “12”, atingindo o equipamento e apreendendo o material ilícito.

Apreensões começaram em 2020

Entre os 2020 e 2021, foram apreendidos cinco drones que estavam com drogas e celulares para serem jogados nos presídios. Esses equipamentos são abatidos pelos policiais penais mas, segundo Ronaldo Porfírio, a localização dos ‘pilotos’ é muito difícil, devido o raio de alcance dos controles remotos que podem chegar até sete quilômetros.

Cada drone tem capacidade para transportar até 5kg, dependendo do modelo. A Secretaria de Administração Penitenciária tem mantido contato com algumas empresas com tecnologia anti-drone. Ronaldo disse que no Aeroporto Castro Pinto, há uma empresa que utiliza o sistema de radar e outra que tem um tipo de “canhão”, capaz de disparar uma frequência capaz de derrubar o drone.

Apreensão de drones nos presídios

Unidade Prisional	Ano de 2020	Ano de 2021
Presídio do Roger	01	00
Presídio Silvío Porto	00	01
Penitenciária PB1	01	00
Penit. Padrão de Cajazeiras	00	02



Os drones estão sendo bastante utilizados para o transporte de drogas, manobrados por “pilotos” através de controle remoto

Operações realizadas pela Seap

O secretário de Administração Penitenciária do estado, coronel Sérgio Fonseca, disse que constantemente são realizadas operações pelos policiais penais e, também, com o apoio da Polícia Militar, utilizando o reforço do grupo especial e da força tática da secretaria.

Ele disse que, recentemente, houve operação no PB-1 onde foram apreendidos drogas e celulares. “Infelizmente, é uma realidade do sistema prisional”, disse, revelando que somente nos primeiros 21 dias de janeiro, dois drones – um em Cajazeiras e outro em Guarabira – foram apreendidos. “Pessoas tentando colocar materiais ilícitos usando esse tipo de tecnologia”, explica.

De acordo com o secretário, desde o mês de outubro, quando houve um plano de retomada das visitas em conformidade com as normas sanitárias, houve tentativas de introduzir drogas e outros materiais nas unidades, principalmente por mulheres que usam as partes íntimas para esse ilícito. “As pessoas flagradas são levadas à delegacia e indiciadas criminalmente no artigo 349 do Código Penal”, disse.



Secretário Sérgio Fonseca: operações são uma constante nas unidades prisionais da Paraíba



Barra de Santa Rosa é famosa pelo sisal e árvores estilizadas

Cidade localizada no Agreste paraibano tem mais de 15 mil habitantes e a economia baseada na agricultura e pecuária

José Alves
zavieira2@gmail.com.br

O ponto mais atrativo de Barra de Santa Rosa, que também é parada obrigatória para fotografias de todas as pessoas que visitam a cidade, é a Praça Frei Martinho, onde quase todas as árvores são podadas em formato de animais. Um trabalho bellissimo realizado pelo jardineiro Evandro Santos, bem ao estilo do personagem de Johnny Depp no filme "Edward Mãos de Tesoura". O município, que se situa no Agreste da Paraíba e fica a 200 quilômetros de João Pessoa, tem sua força econômica baseada no setor primário, mais precisamente na agricultura e na pecuária. Porém, os produtos mais cultivados são: sisal, algodão, milho, feijão e mandioca.

Fundada no dia 8 de maio de 1959, Barra de Santa Rosa

comemora este ano, 62 anos de emancipação política. Suas festas tradicionais são o São João, e a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, que todos os anos é realizada no período de 1º a 9 de dezembro, e atrai milhares de pessoas das cidades vizinhas.

A cidade de Barra de Santa Rosa é a 3ª cidade mais populosa do Curimataú, atrás somente de Cuité e Picuí. Possui o 4º maior índice de desertificação no Estado da Paraíba e é um polo de assentamentos rurais. Na pecuária, o destaque é a criação de bovinos, caprinos e ovinos, além da avicultura com a criação de galinhas. Os habitantes se chamam santa rosenses, seu território se estende por 775,7 km² e tem como vizinhos os municípios de Cuité, Algodão de Jandaira, Damião, Casserengue, Olivados, Possinhos e Sossêgo.



Foto: Evandro Pereira

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e a Praça Frei Martinho, ponto de encontro da população de Barra de Santa Rosa, que atrai a atenção dos visitantes do município

+ Praça é principal atração turística

De acordo com historiadores, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Barra de Santa Rosa, foi construída pelo frade franciscano Frei Martinho. Logo após a sua conclusão, ficou um grande espaço vazio em frente, que começou a ser frequentado no período da tarde pela comunidade local e pelas crianças e adolescentes como campo de futebol.

Porém, com a chegada do 3º Batalhão de Engenharia do Exército na cidade, para construir o Açude do Curimataú, a praça também foi feita pelos militares, com uma quadra de esportes na Escola Professor José Coelho. Em seguida, com o apoio do primeiro governo municipal, na década de 1960, eles construíram no espaço em frente à igreja a Praça Frei Martinho. Na época, o terreno foi doado por Silvino Casado, um agricultor da região.

A Praça Frei Martinho se localiza às margens da BR-104, no centro da cidade. Há anos, a praça é ponto de parada obrigatória para fotografias, já que suas árvores podadas em formato de animais são uma beleza rara que atrai todos que visitam ou passam pela cidade.

Dentre as árvores estilizadas com

formato de animais, a que chama mais atenção dos cristãos é a que foi podada com o formato da cruz com a imagem do Cristo crucificado. A árvore em questão fica em frente à porta principal da igreja. O trabalho de poda na praça com algaroba, foi iniciado por um jardineiro conhecido por Biv, e continua sendo feito até os dias atuais pelo filho dele, Evandro Santos.

Além da praça, outra atração turística da cidade é o Santuário Alto do Cruzeiro do Cuiuiu, localizado em um monte no Sítio Cuiuiu. O local é cheio de pedras que podem ser facilmente escaladas. No santuário os visitantes podem visitar uma capela secular com a estátua de Santa Rosa de Lima. O ambiente, na verdade, é um oratório onde os devotos acendem velas fazendo pedidos e agradecimentos pelas graças alcançadas.

População

Estimativa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelava que em 2020, Barra de Santa Rosa teria uma população de 15,497 habitantes. Já a taxa de escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos de acordo com o último censo realizado em 2010, foi de 96,9%.

Foto: Evandro Pereira



Ao estilo "Edward Mãos de Tesoura", as plantas da Praça Frei Martinho foram podadas em formato de animais, tornando-se atração turística da cidade

Surgimento do encontro de dois rios

A história do município tem início em uma propriedade que pertencia ao senhor José dos Santos de Oliveira, situada à margem direita do Rio Curimataú. Por volta de 1880, a residência deu origem ao atual município de Barra de Santa Rosa, em razão da palavra "barra", que significa o resultado do encontro de dois rios, no caso, os rios Santa Rosa e Poleiros.

A criação do povoado teve início em 1888, num dia de quinta-feira, quando pela primeira vez foi realizada uma feira livre ao pé de uma antiga quixabeira. O

local era ponto de encontro de comerciantes e homens de negócios que tanto vinham do Sertão, como do Brejo, e com o passar dos anos chamou a atenção de moradores de outras regiões que fixaram moradia no local.

Dados do Departamento de Ciências Atmosféricas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), mostram que Barra de Santa Rosa apresenta um clima com média pluviométrica anual de 365,8 mm e temperatura média anual em torno dos 23,6 °C.

Sisal é importante fonte econômica

O sisal (ou agave), bastante cultivado no município, é uma cultura importante para a região semiárida por ser tolerante à seca e se adaptar bem a solos de baixa fertilidade. Atualmente, a Bahia é o principal produtor brasileiro de sisal com 95% da produção nacional, seguido pela Paraíba, com 4%.

Em Barra de Santa Rosa, a atividade promove a ocupação de muitas famílias, gerando emprego direta e indiretamente.

Pesquisadores da Embrapa Algodão vêm buscando alternativas para o melhor aproveitamento do sisal por meio de pesquisas. O trabalho vem sendo feito com a utilização do sisal integrado à pecuária, pelo consórcio com culturas forrageiras nativas do Semiárido e aproveitamento do bagaço nas formas in natura, feno ou silagem.

Outra frente de pesquisa busca estabelecer cadeias produtivas que trabalhem desde o plantio até a comercialização do sisal. Um estu-

do que contribui para o resgate da cultura do sisal num modelo sustentável, com ampliação das áreas cultivadas e geração de emprego e renda.

Foto: Agência de Notícias/Embrapa



Plantação de sisal (agave) em Barra de Santa Rosa



Foto: Divulgação

Cotidiano do Sertão da PB é tema de livro de fotografias

Criada pelo designer gráfico Jefe Kerison, obra retrata os recortes da realidade do interiorano sertanejo com poesias de autores nordestinos

Resultado de um percurso de 300 km, projeto reúne 60 imagens de cidades como Campina Grande, Queimadas, Caturité, Boqueirão, Cabaceiras e Pocinhos, dentre outras

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O dia era um sábado do ano de 2018. Naquela data, o designer gráfico paraibano Jefe Kerison de Miranda Mendonça saiu de casa, na sua cidade natal, Cabedelo, com duas câmeras, foi até a capital do estado, João Pessoa, ambas localizadas na Região Metropolitana, onde embarcou num Fiat Uno Mille que pediu emprestado de um amigo, encheu o tanque e partiu bem cedo em viagem para cumprir, propositalmente, uma rota por estradas desconhecidas. No total, percorreu 300 quilômetros com o intuito de retratar a realidade do cotidiano de famílias que enfrentam dificuldades,

como a falta de água, saneamento básico e transporte. O resultado dessa empreitada é o fotolivro em formato digital *Semiótica do Sertão*, que reúne 60 imagens coloridas e são acompanhadas de poesias de autores nordestinos, a exemplo de Ariano Suassuna (1927-2014).

A iniciativa, que o autor considera seu primeiro projeto como fotógrafo profissional, está disponível para visualização no site do coletivo *I Hate Flash* (www.ihateflash.net), do qual é membro, e também de uma página criada para o projeto, *Semiótica do Sertão*.

A viagem de Jefe Kerison durou apenas um dia. Ao longo desse período, o designer gráfico passou por várias cidades, a exemplo de Campina Grande, Queimadas, Caturité, Boqueirão e Cabaceiras, até concluir o trajeto em Pocinhos. “Escolhi algumas rotas das quais não conhecia as estradas porque eu queria me surpreender com o que ia ver e, realmente, me surpreendi”, confessou o paraibano. Pelo menos a princípio, o fotógrafo disse que não pretende imprimir e lançar como livro físico, a não ser que alguma instituição se interesse pelo projeto com tal objetivo.



Imagem: Divulgação

E, de fato, durante o percurso, sempre que se deparava com os cenários que lhe interessavam, Jefe parava o carro e fotografava com as duas câmeras, uma delas emprestada. “Tive muita sorte de encontrar uma casinha em que o rapaz não me conhecia, contei sobre o projeto e ele me recepcionou superbem. Fiquei impressionado e me senti em casa. Conversamos muito, ele me contou sobre as pequenas criações de gado e porcos e, quando terminei os cliques, ele ainda me ofereceu almoço. Como foi uma das primeiras pessoas com quem conversei, isso me motivou a continuar fotografando”, contou o designer gráfico.

“Uma das coisas que mais me chamaram a atenção, durante a viagem, além das dificuldades na área de abastecimento de água, foi o fato das casas serem distantes umas das outras e não haver postes de iluminação. O fotolivro serve como um alerta para que os poderes públicos saibam dessas dificuldades e providências possam ser tomadas para assistir esses moradores. Ao realizar esse projeto, eu meio que saí da bolha e fui retratar a realidade social no Sertão. E, apesar das dificuldades que essas pessoas ainda enfrentam, percebi que elas são felizes, o que também me fez refletir que, às vezes, queremos muitas coisas que a vida nos proporciona, mas podemos ser felizes com menos do que aquilo que achamos que precisamos ter. Numa realidade tão diferente, vivendo com tão pouco, eles me deram uma verdadeira lição de humildade, gratidão e de onde a felicidade realmente está”, afirmou.

Jefe Kerison, formado por uma universidade particular, lembrou que, no final de 2018, tinha acabado de adquirir sua primei-

ra câmera, comprada através do seu trabalho profissional. “Estava ansioso para começar a fazer fotos. Cheguei a fazer cerca de 400 fotografias, durante a viagem para o projeto. Então, tinha que selecionar as que iriam para o fotolivro e escolhi as imagens que casassem com os poemas mais marcantes, que servem como legendas. De Ariano Suassuna, por exemplo, escolhi o poema *Nascimento*, que retrato com corvos. Para mim, os corvos não são o elemento principal, mas pontual, que ficam sobrevoando os animais, esperando que eles morram”, observou Jefe. Além do dramaturgo paraibano, ele disse que considera outros três autores como principais no fotolivro, que são Guibson Medeiros, Luiz Gonzaga de Moura e Terezinha Costa. “São textos sensíveis, que se casaram com as imagens que eu tinha”, justificou.

O fotógrafo admitiu que demorou para escolher o título do projeto. “Eu queria algo que correspondesse ao que desejava passar para as pessoas. No Sul e Sudeste, geralmente a ideia é de que, no Nordeste, há seca e terra rachada. Então, escolhi a palavra ‘semiótica’, a construção de significado, porque quis mostrar o que está por trás das cenas que vi no Sertão, onde, apesar das dificuldades, as pessoas ainda são felizes”, explicou.

“Foi uma experiência inesquecível em que pude vislumbrar uma realidade totalmente diferente da minha, em que pessoas que vivem em uma terra árida, cheias de dificuldade, mas com sorrisos que atravessam a alma e alcançam o coração. Ouvi tantas histórias, algumas até internacionais, vividas por gente ansiosa para contá-las, demonstrando muita alegria e vontade de viver”, concluiu Jefe Kerison.

Fotos: Divulgação



Através do QR Code ao lado, acesse o site do projeto ‘Semiótica do Sertão’

Registro de imagens possui função de preservar a memória

O designer gráfico Jefe Kerison de Miranda Mendonça não considera a fotografia apenas como uma ferramenta para o lazer, quando se busca registrar, por exemplo, momentos de uma festa em família. Para ele, a função da foto vai muito mais além.

“O registro de imagens também possui a importante função de preservar a memória,

porque mostra a situação de pessoas que ainda sobrevivem com dificuldades, na época atual, contribuindo para chamar a atenção para determinados lugares, na expectativa de que aquelas pessoas recebam ajuda e o progresso chegue até elas”, disse ele, que gosta de fotografia desde a adolescência.

Jefe espera que agora, a partir do momento em que o

fotolivro *Semiótica do Sertão* está disponível na Internet, as imagens sensibilizem maior número de pessoas para a situação em que vivem os sertanejos. A sua intenção é continuar com projetos de fotografia como esse, com o intuito de contar e detalhar mais as histórias das pessoas que encontrar pelas cidades sertanejas da Paraíba.



Foto: Divulgação

Jefe Kerison durante sua peregrinação pelos ‘cliques’ nas cidades do interior paraibano

Artigo *Estevam Dedalus*
Sociólogo | colaborador

Nando Reis, Schopenhauer e a tristeza

Todo mundo já deve ter ouvido que a tristeza é o sentimento que mais estimula os compositores a criarem músicas. Não defendo essa tese, mas admito que a tristeza seja um estímulo importante para a criação artística.

Sempre que ouço as palavras tristeza e música numa mesma frase, lembro inevitavelmente de Arthur Schopenhauer: É um impulso involuntário, assim como o bocejo. O filósofo alemão era um pessimista incorrigível, daqueles que acreditam ser a dor positiva, o prazer negativo e a felicidade uma mera ilusão.

Schopenhauer amou a música como poucos. Considerava-a entre todas as artes a mais elevada, o que posso supor ter sido uma de suas principais fontes de satisfação e alegria. Ele dizia que a música seria capaz de “dar uma voz às profundas e surdas agitações do nosso ser, fora de toda a realidade, e por conseguinte sem sofrimento”. Muitas vezes posso sentir esse mesmo enlevo.

A música, ademais, atingiria a essência das coisas, capturando não apenas “uma alegria especial ou definida, certas tristezas, certa dor, certo medo, certo transporte, certo prazer, certa serenidade de espírito, mas a própria alegria, a tristeza, a dor, o medo, os transportes, o prazer, a serenidade do espírito”.

Trata-se de uma perspectiva que não reduz a música à expressão de um sentimento específico, mas que a coloca na condição de desvelar os “mistérios da alma”.

Outro dia, no seu canal do YouTube, o cantor e compositor Nando Reis se impôs o desafio de responder se a tristeza é a melhor condição para a criação artística. Revelou que é corriqueiro ouvir essa pergunta e que já havia cogitado tal possibilidade, mas está convencido que não. Isso porque as possibilidades de estímulo para compor são variadas, produzindo efeitos diferentes a depender do artista e da ocasião.

Na visão de Nando, o artista e “aquilo que ele produz é a formulação de uma ideia, de um pensamento, carregada por emoção. E o conjunto das emoções vai muito além da tristeza”. Seria compreensível a crença no potencial criador da tristeza,

pela força desse sentimento e por se tratar de um nome genérico que englobaria diversas sensações.

A tristeza para Nando Reis é uma categoria genérica usada para se referir a estados como a dor física, a angústia, a sensação provocada pela perda de uma pessoa querida ou o fim de um relacionamento amoroso. Coisas que, segundo ele, não podem ser tratadas necessariamente como iguais.

Até aí parece que Nando Reis não conseguiu “refutar” a ideia de que a tristeza é um estímulo mais poderoso para a criação musical. Contudo, ele vai além argumentando que a composição é uma forma de necessidade – “uma coisa vital”. Em resumo: meio de atribuir sentido à existência e dar forma estética aos sentimentos.

Segundo Nando Reis, algumas canções podem nascer de ideias mais racionalizadas, concretas. Esse tipo seria mais exceção do que regra. A composição é percebida por ele como movimento e busca por uma forma, isto é, uma linguagem estética que melhor expresse o que a “alma” quer dizer. Tal necessidade não se reduz à tristeza, é “inerente a qualquer estado de emoção”.

O estímulo deve ser pensado com base em sua intensidade. Assim é que Nando Reis acaba levado a ver na euforia um dos sentimentos dominantes em seu processo de criação. Ele, porém, não sabe dizer ao certo se escreveu a maioria de suas músicas quando estava triste ou alegre. O que tem certeza é que compôs “a totalidade das músicas sentindo alguma coisa, tentando dar nome a esse sentimento, forma, por semelhança de representação”.

Essa visão enxerga uma ligação entre a linguagem musical e sentimentos específicos, que, devido à sua intensidade, provocam a necessidade no artista de expressá-los. Algo diferente da maneira schopenhaueriana de ver a música, que não a concebe como expressão de um sentimento particular, mas da essência do próprio ser.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A dor de um pássaro poeta

Desempregado e sem dinheiro e despejado... essa dor de Mário Quintana (1906-1994) foi aliviada e dignificada pelo ex-jogador Paulo Roberto Falcão ao vê-lo sentado numa calçada sem ter onde morar e com fome, diante dessa crueldade... o ex-jogador Falcão, de imediato, o alojou no Hotel Royal no quarto de sua propriedade e custeou todas as despesas de Mário Quintana, por tempo indeterminado.

Mário Quintana foi poeta, tradutor e jornalista brasileiro. A melhor definição para Quintana foi feita por ele mesmo, em 1984: “Nasci em Alegrete, em 30 de julho de 1906. Creio que foi a principal coisa que me aconteceu. E agora pedem-me que fale sobre mim mesmo. Bem! Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão. Nasci no rigor do inverno, temperatura: um grau; e ainda por cima prematuramente, o que me deixava meio complexado, pois achava que não estava pronto. Até que um dia descobri que alguém tão completo como Winston Churchill nascera prematuro – o mesmo tendo acontecido a sir Isaac Newton! *Excusez du peu...* prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que acho que nunca escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de autossuperação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! Sou é caladão, introspectivo. Não sei porque sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros? Exatamente por excretar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese. Outro elemento da poesia é a busca da forma (não da fôrma), a dosagem das palavras. Talvez concorra para esse meu cuidado o fato de ter sido médico de farmácia durante cinco anos. Note-se que é o mesmo caso de Carlos Drummond de Andrade, de Alberto de Oliveira, de Érico Veríssimo – que bem sabem (ou souberam) o que é a luta amorosa com as palavras”.

Mário Quintana foi filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e de Dona Virgínia de Miranda Quintana. Ele iniciou seus estudos na Escola Elementar e depois na escola do mestre português Antônio Cabral Beirão, em sua cidade natal. Quintana aprendeu o idioma francês com seus pais. Em 1919, ele mudou-se para Porto Alegre e ingressou no Colégio



Foto: Divulgação

Mário Quintana: “Os poemas são pássaros que chegam não se sabe de onde e pousam no livro que lê”

Militar de Porto Alegre. Naquela época, Quintana publicou seus primeiros versos na revista literária dos Alunos do Colégio Militar. Em 1923, Quintana publicou um soneto no jornal de Alegrete, com o pseudônimo de “JB”. Ao deixar o Colégio Militar, no ano de 1924, ele trabalhou como atendente na livraria Globo. Em 1925, Quintana retorna para Alegrete, onde passa a trabalhar na farmácia da família. Em 1926, ele ficou órfão de mãe. Nesse mesmo ano, Quintana foi premiado em um concurso de contos do jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, com o conto *A Sétima Passagem*. No ano seguinte, o seu pai faleceu. Em 1929, Quintana começou a trabalhar como tradutor na redação do jornal *O Estado do Rio Grande*. Em 1930, a *Revista Globo* e o *Correio do Povo* publicaram os seus versos. O jornal *O Estado do Rio Grande* é fechado, por causa da Revolução de 1930, quando Quintana parte para o Rio de Janeiro, onde entra como voluntário para o 7º batalhão de Caçadores de Porto Alegre. Seis meses depois, retorna para Porto Alegre e reiniciou seu trabalho no jornal *O Estado do Rio Grande*. Em 1934, publicou sua primeira tradução, o livro *Palavras e Sangue*, de Giovanni Papini. O poeta também traduziu autores como Voltaire, Virginia Woolf, Emil Ludwig e Marcel Proust. Em 1936, Mário Quintana transferiu-se para a Livraria do Globo, onde trabalhou com Érico Veríssimo. Naquela época, os seus textos são publicados na revista *Ibirapuitan*. Em 1940, Quintana publicou seu primeiro livro de sonetos. A aceitação de sua poesia levou vários sonetos a serem transcritos em antologias e livros escolares. Em 1948, Mário Quintana publica *Sapato Florido*. Em 1980, recebeu o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra. Em 1981, foi agraciado com o Prêmio Jabuti

como Personalidade Literária do Ano. Mário Quintana não se casou e nem teve filhos, ele morreu em Porto Alegre (RS), no dia 5 de maio de 1994.

Poemas de Mário Quintana:

A Rua dos Cataventos

Da vez primeira em que me assassina-ram, / Perdi um jeito de sorrir que eu tinha. / Depois, a cada vez que me mataram, / Foram levando qualquer coisa minha.

Hoje, dos meu cadáveres eu sou / O mais desnudo, o que não tem mais nada. / Arde um toco de Vela amarelada, / Como único bem que me ficou.

Vinde! Corvos, chacais, ladrões de estrada! / Pois dessa mão avaramente adunca / Não haverão de arrancar a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do horror! Voejai! / Que a luz trêmula e triste como um ai, / A luz de um morto não se apaga nunca!

Os Poemas

Os poemas são pássaros que chegam / não se sabe de onde e pousam / no livro que lê.

Quando fechas o livro, eles alçam voo / como de um alçapão.

Eles não têm pouso nem porto; / alimentam-se um instante em cada / par de mãos e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias, / no maravilhado espanto de saberes / que o alimento deles já estava em ti...

■ Sinta-se convidado a audição do 315º Domingo Sinfônico, deste dia 25, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintonize a FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o barroco, neoclassicismo e romantismo alemão.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A mãe da radiação

É linda a cena em que Marie Curie (Rosamund Pike) e Pierre Curie (Sam Riley) tomam banho nus, acho que no Rio Sena, no filme *Radioactive*, de Marjane Satrapi. Mas não é assim que começa a vida da Marie Curie, a “mãe da radiação”, que ganhou duas vezes o Nobel.

Na Paris do final do século 19, a imigrante polonesa tenta ganhar o seu espaço de pesquisa e respeito na Sorbonne, mas é descredenciada e escanteada, pelos seus colegas cientistas. A cena se repete.

Nascida Maria Skłodowska, uma mulher forte que sai em defesa de suas ideias e escolhas, numa sociedade patriarcal e moralista. A morte não matou seu nome.

Fui rever o filme na Netflix (já tinha visto em 2019), baseado na HQ *Radioactive*. O tema dá-nos a conhecer o legado duradouro de MC.

Estão lá suas relações apaixonadas, as descobertas científicas, e as consequências para ela e para o mundo. Tão significativa essa mulher! Precisamos tanto de outras assim, não por ter ganhado o Nobel, mas para que possamos ultrapassar essa barreira da pandemia. As mulheres salvarão o mundo? Sim. Ser mulher já é uma vitória.

Em 1903 Marie e Pierre Curie fazem a descoberta da radioatividade, marcando a primeira vez que o prestigioso Prêmio Nobel foi atribuído a uma mulher. Mas o filme não só trata disso. O filme mostra a vasta solidão de Marie Curie.

Em tempos difíceis, ela perde o marido Pierre, mas continua o seu trabalho e até ganhar o segundo Nobel, desta vez de Química, em 1911. Marie Curie é a mulher do mundo, não apenas como cientista, mas como aquela que trabalhou num mundo de homens, mostrou que foi capaz, além das testosteronas...

Juntos, os Curies descobriram dois novos elementos científicos, o rádio e o polônio, com propriedades que teriam consequências boas e ruins que nos continuam a impactar hoje – armas nucleares, radiação para tratamento médico e energia nuclear.

A relação de trabalho e romântica que tiveram transformaram os dois em um.

Dos mesmos produtores de *O Destino de Uma Nação e Desejo e Reparação*, a realizadora Marjane Satrapi parte da novela gráfica de Lauren Redniss e apresenta um retrato visionário e ousado dos efeitos transformadores, das consequências do trabalho dos Curie e da forma como isso moldou o século 20.

Em que século estamos? O filme começa com Marie já adulta, mas ainda solteira. Uma cientista enfrentando dificuldades para conseguir apoio com portas batidas na cara. As portas do tempo. Muitas.

Radioactive dá bastante ênfase à faceta libertária em sua luta contra o machismo que imperava (e ainda manda) e, em certa altura, também à “moralidade” social estabelecida. A moral, ou “na moral”, a mulher sempre sai perdendo, mas nesse caso, Marie dá o troco.

A despedida dela com sua mãe, ainda menina, a mãe que lhe pede um beijo para ficar curada e morre. Marie odeia hospitais e terminou a vida num hospital. Acho que só os médicos e enfermeiros gostam de hospitais, os trabalhadores dessa pandemia.

Ao longo da história surgem cortes para nos mostrar os momentos futuros as utilizações práticas das descobertas de Marie Curie, de forma positiva como a radioterapia, a negativa, como a bomba de Hiroshima, o acidente de Chernobyl e testes nucleares. Essas cenas são arrepiantes.

Precisamos de outras Marias. Precisamos sobreviver. Precisamos dormir e acordar com esperanças tardias, pelo menos. Precisamos.

Li que livros antigos, móveis e roupas que pertenceram a Marie e Pierre Curie seguem radioativos. A coleção dos Curie está contaminada com rádio 226, capaz de manter-se ativo por 1600 anos.

Kapetadas

- 1 - Tome cuidado com as coisas que você não fala.
- 2 - Não existe spoiler na política. No final, o povo sempre se ferra.
- 3 - Som na caixa: “Breve é o dia, breve é a vida”, Tom Jobim.

Foto: Reprodução



Marie Curie (1867-1934), “mãe da radiação”, duas vezes prêmio Nobel

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Lembro daquele cinema que desembarcava na Primavera

Vendo uma matéria de **A União** na semana passada, assinada por Laura e Aleksandra, trazendo algumas memórias do amigo historiador José Octávio de Arruda Mello sobre a antiga Rodoviária da Primavera, senti uma nostalgia danada dos tempos em que também viajava a Recife, semanalmente, para tratar de compromissos dos cinemas do meu pai junto às distribuidoras de filmes – Warner, Paramount, Universal, Metro, RKO, Paris Filmes, e nacionais UCB e Atlântida.

Sempre às quintas-feiras, invariavelmente, estaria eu voando nas asas de uma Gaivota, que costumava sair da Primavera logo pela manhã. Mas só chegava à capital pernambucana três horas depois, dada as condições das estradas, principalmente após a divisa da Paraíba. Ali, o asfalto acabava e uma estrada de barro nos levava através do canalial da Usina Maravilha até Goiana, quando retomávamos o pavimento.

As minhas primeiras viagens foram em companhia de meu pai, Severino Alexandre (meu Patrono da Cadeira 5 da APC), que tinha o hábito de tomar o nosso desjejum na Rua Nova, centro da cidade, quando chegávamos. Depois, atravessávamos a ponte sobre o Rio Capibaribe ao “Recife velho”. Próximo do Cais do Porto, a Rua da Assembleia sediava algumas distribuidoras de filmes. Menos a UCB, que ficava no prédio do Cine São Luiz, na Rua da Aurora. Não raro, só retornávamos de Recife à noite, tantas vezes carregando latas de filmes, cartazes e fotografias. Uma saga que durou algum tempo, antes de termos o nosso próprio



Foto: Divulgação

Antiga Rodoviária da Primavera, local de onde saíam os ônibus, inclusive com destino a Recife (PE)

transporte – um Gol Fuscão 1500, novinho em folha, comprado na loja da Volks aqui na capital.

Quando aprendi a dirigir e a viajar sozinho, durante quase dez anos, via sempre algo chamativo numa das sacadas daquele antigo prédio de esquina, de frente para o Rio Capibaribe, próximo à Igreja da Madre de Deus. Era o “Moulin Rouge”, exótico, diferente daquele que, décadas à frente conheci em Paris, quando gravávamos cenas do nosso audiovisual *Le Soupçon* (2011).

Pois bem, a Primavera jamais saiu de minhas andanças por João Pessoa. Mesmo quando fazendo locução na Rádio Correio na Paraíba, entre 1969/71, época de sua inauguração no Ponto de Cem Réis, e tinha que vir diariamente de ônibus de Santa Rita. E foi então na Correio que conheci o amigo de tantos

anos, Moacir Barbosa de Sousa, discotecário da emissora e copartícipe dos nossos dois programas de cinema – *Corta-Metragem* (diário) e *Cine-Projeção* aos domingos –, também outros dois parceiros, já falecidos, o jornalista e ator Anco Márcio, do nosso filme *Arribação*, e Antônio Barreto Neto/Barretinho, quando presidente da ACCP – Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, quando a ela me associei.

Desculpem, pois, o meu desvio temático de hoje, mas não poderia deixar passar essas boas lembranças de cinema e de nossa cidade. Justo da época em que, uma simples poltrona rasgada de um dos nossos cinemas era motivo sério para que a comunidade pessoense tomasse suas dores. – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alex-santos.com.br.



APC exalta Américo Falcão no cinema

Para homenagear um dos vates mais importantes da cena cultural da Paraíba, Américo Augusto de Souza Falcão (cadeira 38 da APL), falecido neste mês de abril há 79 anos, a Academia Paraibana de Cinema resgata o poeta também no cinema e na obra de Walfredo Rodriguez, *Sob o Céu Nordestino*.

No filme de Walfredo, como amigo do cineasta, Américo Falcão integrou a equipe de finalização do projeto ao formular na película os créditos que dão orientação estética e de leitura ao filme. Pois a época era de “cinema mudo”. Sendo pelo feito, não apenas por sua linha poética, celebrado pelo escritor Humberto Nóbrega como “um artista nato” da cultura paraibana.

Mostra de Ziraldo marcará festejo dos 100 anos do Museu Histórico Nacional

Marcio Dolzan

Agência Estado

Fechado à visitação do público há mais de um ano por causa da pandemia, o Museu Histórico Nacional (MHN), no Centro do Rio, se prepara para as comemorações de seu centenário, que será celebrado no próximo ano. Entre as atividades previstas, estão uma exposição do artista Ziraldo, introdução de tecnologia de QR Code em áreas do museu e ações de preservação de parte do acervo, composto por 280 mil peças.

A exposição de Ziraldo, *Terra à Vista e Pé na Lua*, irá marcar o início das comemorações dos 100 anos. Ela deverá ser aberta em 12 de outubro, mesma data prevista para a realização de um seminário internacional.

“Ziraldo é um abraço, uma maneira de dar alguma leveza a este momento que estamos passando”, diz Vânia Bonelli, diretora interina do museu, ao *Estadão*. “A exposição vai contar com QR Code que irá permitir diálogos dos personagens com



Foto: Divulgação

Exposição do cartunista e quadrinista Ziraldo, ‘Terra à Vista e Pé na Lua’, será o início das comemorações, em 12 de outubro

figuras do nosso acervo. Ela será capaz de agradar a todas as gerações, com interação inclusive para os adultos.”

O plano de ação para 2021 foi idealizado e está sendo desenvolvido pela Associação de Amigos do Museu Histórico Nacional. A entidade conseguiu o aporte de R\$ 1 milhão do Instituto Cultural Vale, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Além de

viabilizar a exposição, o montante será utilizado para ações de preservação e melhorias na estrutura.

“Com esse aporte, nós vamos focar diretamente em três itens que estavam mais defasados. Um é de preservação de acervo, de fotografias dos séculos 19 e 20, que estavam precisando ser digitalizadas. Outro é a questão do acondicionamento do material de

numismática, sendo que nós temos uma das maiores coleções da América Latina – são 150 mil itens. Por fim, vamos fazer uma requalificação do acervo da Sophia Jobim, cujo acervo foi doado pela família, com peças, artigos e joias que ela criou. Como tem uma parte têxtil, é um acervo complexo de ser restaurado, e por isso exige um valor mais elevado”, ressalta Vânia.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Poetas e livros

Folheio, sem pressa, a coletânea de poemas de Ítalo de Melo Ramalho, *Um dia para cada abril ou a função sociopolítica do afeto* (Aracaju, SE: Criação Editora, 2021). Abril é seu mês de nascimento. Não tenho como não lembrar o verso de T. S. Eliot, “Abril é o mais cruel dos meses”, e, abstraído a circunstância de origem e de contexto, tomá-lo, aqui, no quadrilátero desses tempos pandêmicos. Tempos trágicos e tempos de mentira, como o poeta constata no dia 2 de abril: “ali / – no palácio – / se rasga / a bula política / do sermos humanos // fakesumanos”.

Pandemia tem tudo a ver com poesia, a partir mesmo da rima, pois, de certa forma e em certo sentido, a poesia, no poema, põe em pandemônio a ordem das palavras. Contamina os vocábulos e suas secretas ligações o vírus de tonalidades diferentes.

É esse, parece, o desiderato que Ítalo persegue para levantar sua voz de indignação diante da barbárie, seu clamor individual afogado no maremoto das dores coletivas. O homem se transforma num número, a dor e o luto campeiam a simetria anônima das estatísticas. Veja-se, por exemplo, 27 de abril: “*panis et pandemia* / são ingredientes básicos / da cesta // quando faltam / o chumbo supre / a fome estatística / da vala”.

Não existe arte revolucionária sem forma revolucionária, disse Maiakóvski, num desses axiomas estéticos que duram para sempre. Ítalo sabe disto, e, no seu exercício de caçar palavras na floresta do poema, procura pôr em prática a verdade deste postulado. Diz o máximo valendo-se do mínimo, trabalhando a síntese da linguagem e explorando sua energia crítica para desnudar as fraturas do mundo, a chuva trágica da pandemia.

Na “função-política do afeto”, a denúncia social se alarga e se intensifica, mas sem se desordenar pelos apelos prosaicos do panfleto. A constatação do caos não elide o imperativo da vida com suas surpreendentes possibilidades. Não é outra a mensagem do poema 7, senão vejamos: “sobre / o que se pode fazer / em uma quarentena / respondo: / tudo // mas tudo que não termine / em morte”.

De outra parte, o poema 30, que fecha a coletânea, assina o emblema de uma justiça que transcende a imperfeição humana: “tem uma financeira / que me chama de doutor / a cada e-mail enviado // não sabe ela / que o último investimento / fixo que faço / é no fundo ficto / da justiça de deus”.

Paraibano de Guarabira, radicado em Sergipe, Ítalo de Melo Ramalho é advogado e mestre em Antropologia. Publicou, pela Penalux, em 2020, o livro de poemas *Nocauté das horas*.

O pombo negro dos sobrados, de Nauro Machado (São Luís; Teresina: Haley S/A Gráfica Editora, 2020). Livro póstumo que vem a público sob coordenação da viúva do poeta, a escritora Arlete Nogueira da Cruz Machado.

Aqui, Nauro põe em prática a vertente minimalista de sua dicção poética, numa série de poemas de versos curtos, na sua grande maioria, redondilhas menores, isto é, versos de cinco sílabas, mantendo, contudo, uma cerrada unidade semântica como é de hábito no seu vasto e intenso poemário.

Escritos ao longo dos padecimentos de um câncer que o levou à morte, esses poemas exalam um tom confessional próprio de uma voz dilacerada diante do fim inevitável. Mas, entenda-se, não se trata de simples desabafo; nem mesmo de simples emoção individual circunscrita aos estreitos limites de uma biografia.

A doença, a dor, a morte, aqui, se deixam transfigurar pelas credenciais criativas da linguagem, e o que é realidade vivida no parâmetro físico e orgânico, adquire transcendência, é como que abstraída, convertendo-se, portanto, em artefato estético.

Nauro é visto por José Guilherme Merquior, num cotejo com o genial Augusto dos Anjos, como o poeta da “somatização da angústia”. Perfeito. Esse processo de somatização veio se apurando, cada vez mais, ao longo dos múltiplos títulos que o poeta deixou, todos selados com o signo da morte, embora todos tocados pelo ácido luminoso da poesia, da vida em poesia, conforme se percebe no minimalismo de um texto como *Ainda os grilhões*: “De novo a poesia: / o sopro que me vem / do mesmo sol perene / a me apagar humano”.

Nauro Machado é maranhense, de São Luís; deixou obra volumosa e de alta voltagem poética, conforme atesta rica e variada fortuna crítica. Com Bandeira Tribuzzi e José Chagas (outro paraibano que se radicou em São Luís), compunha a trilogia sagrada da lírica moderna no Maranhão.



Fotos: Divulgação

No páreo para a categoria de Melhor Filme, oito produções bem diversificadas como 'Bela Vingança', 'Mank', 'Judas e o Messias Negro' (em cima, da esq. para dir.), 'Meu Pai', 'Minari', 'Nomadland' (no meio, da esq. para dir.), 'Os 7 de Chicago' e 'O Som do Silêncio' (ao lado, da esq. para dir.)



Com indicações equilibradas, Oscar anuncia seus melhores

Em ano com cinemas fechados e após adiamento, hoje, enfim, a Academia de Cinema de Hollywood revela os vencedores

Audaci Junior
audaciajunior@gmail.com

Geralmente no final de fevereiro – ainda no clima festivo de confetes do Carnaval aqui, entre os trópicos – era estendido o tapete vermelho para ser revelado a lista de vencedores escolhidos pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Com a pandemia, não só a data de exibição mudou: as empresas de streaming vêm se fortalecendo cada vez mais e engrossando as fileiras das indicações com suas produções.

Neste domingo, a cerimônia será exibida através do canal fechado TNT, a partir das 20h (já na TV aberta, novamente o evento vira refém

do BBB da Globo). Segundo a organização, ela será presencial, mas a transmissão ao vivo acontecerá de vários locais.

Com os cinemas da Paraíba fechados, o leque de oportunidades para se conferir ao menos os principais indicados se resume ao aparelho de tvê e às assinaturas ou locações nas plataformas. Com isso, boa parte dos indicados está disponível em serviços de streaming (alguns diretores e defensores da telenão vão à loucura).

Para se ter uma ideia, na 93ª edição do Oscar plataformas como Netflix, Amazon Prime Video e Disney+ têm um total de 20 filmes indicados em categorias principais e técnicas.

Sobre a “queda de braço” da disputa, como de praxe, nem sempre quem sai na frente com número de indicações seria o favorito para ganhar a estatueta dourada. *Mank*, de David Fincher e que gira em torno da vida do roteirista Herman J. Mankiewicz e dos bastidores do clássico absoluto *Cidadão Kane* (1941), concorre em 10 categorias (incluindo Melhor Filme, Diretor e Ator para Gary Oldman), mas pode ser que só leve prêmios técnicos.

Bem mais “emparelhado” nessa corrida está a maioria: são meia dúzia de filmes que receberam seis indicações cada: *Minari* (sobre família coreano-americana em busca do sonho americano), *Meu Pai* (conflito geracional quando um

viúvo independente e solitário começa a sofrer de demência), *Judas e o messias negro* (fala de um infiltrado no partido dos Panteras Negras nos anos 1960), *Os 7 de Chicago* (sobre o grande protesto antibélico na cidade também na conturbada década de 1960), *O Som do Silêncio* (drama de um baterista que está perdendo a audição) e o favorito, *Nomadland* (que tem prêmios que são “termômetros” do Oscar, do Sindicato dos Produtores da América – PGA, e do Sindicato dos Diretores da América – DGA).

Bela Vingança e *A voz suprema do blues* aparecem em seguida, com cinco indicações cada um. Para este último, uma categoria é praticamente certa: Chadwick Boseman (1976-

2020) recebeu a sexta indicação póstuma de um ator na categoria principal na história da premiação – sendo que apenas Peter Finch (1916-1977) ganhou, em 1977, por *Rede de Intrigas* (lembrando que, em 2009, Heath Ledger ganhou como coadjuvante pelo seu Coringa em *Batman: O Cavaleiro das Trevas*).

Outra curiosidade é que pela primeira vez (em quase 100 edições) duas mulheres concorrem à estatueta de Melhor Direção: Emerald Fennell por *Bela Vingança*, na qual a protagonista (Carey Mulligan, indicada como Melhor Atriz) caça pela noite abusadores e homens mal-intencionados em bares; e a favorita Chloé Zhao por *Nomadland*, filme

que acompanha a vida de uma viúva de meia-idade (Frances McDormand, atriz também indicada), que aderiu à vida nômade nos EUA.

Onde assistir?

Para limitar apenas na categoria principal, metade dos que concorrem só podem ser longas assistidos nas salas de cinema: *Judas e o messias negro*, *Minari*, *Nomadland* e *Bela Vingança* (este último o Telecine já sinalizou que entrará em seu catálogo).

Para o restante, dois podem ser conferidos no Netflix (*Mank* e *Os 7 de Chicago*) e os outros estão disponíveis no Now (*Meu Pai* e *O Som do Silêncio*, que também faz parte do catálogo da Amazon Prime).

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Portugal já vive 47 anos sem a ditadura salazarista

A Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal, foi um movimento militar realizado em 25 de abril de 1974 e que pôs fim aos 41 anos de ditadura de Oliveira Salazar.

Trata-se de um dos mais importantes acontecimentos históricos da década de 70.

Os portugueses não suportavam mais as imposições do regime salazarista, de forma que um grupo de militares, os chamados “capitães de abril”, começaram a planejar sua deposição.

Houve uma primeira tentativa em março, mas esta não teve sucesso. Desta maneira, um mês depois, outra investida foi feita e no dia 25 de abril de 1974, as ruas de Lisboa se tornaram o palco do movimento militar que conseguiu depor o presidente Marcello Caetano. O salazarista Caetano se rendeu às 19h30 desse dia e seguiria para o exílio no Rio de Janeiro, onde faleceria.

A Revolução dos Cravos aconteceu praticamente sem violência, com apenas



Durante a revolução, soldados em Lisboa com os cravos nos fuzis

quatro mortos. Diante da vitória rápida e sem hostilidades, dizem que uma florista começou a oferecer flores aos soldados. Outras versões afirmam que foi uma pedestre que voltava do trabalho.

De todas as maneiras, a flor foi entregue aos soldados, que as puseram nos canos dos fuzis. Os cidadãos que saíam às ruas para comemorar, também pegavam cravos e assim, esta flor ficou como o símbolo e nome da revolução.

Os mais diversos motivos para o fim do regime podem ser apontados. O principal deles foi o falecimento do seu criador e mentor, Antônio de Oliveira Salazar, em 1970, que encarnava os princípios e valores daquela doutrina.

Por outro lado, aconteceria o profundo desgaste que foi provocado por uma forte guerra colonial travada por Portugal, principalmente em dois países: Angola e Moçambique.

Isso estava cada vez mais difícil de manter e justificar diante da comunidade internacional.

As tímidas reformas do próprio regime, a partir da posse de Marcello Caetano são importantes, pois a sociedade portuguesa queria experimentar a mesma vida que se levava na Europa Ocidental.

Relato a seguir as principais consequências da revolução.

1) O fim da guerra colonial e o reconhecimento da independência das

colônias portuguesas na África: Guiné-Bissau, em 9 de setembro de 1974; Moçambique, em 25 de junho de 1975; Cabo-Verde, em 5 de julho de 1975; São Tomé e Príncipe, em 12 de julho de 1975; Angola, em 11 de novembro de 1975. A independência desses territórios, provocou a volta de milhares de portugueses de maneira desordenada, o que seria um transtorno para o novo governo;

2) Os exilados pelo regime salazarista puderam voltar;

3) Foi estabelecido um regime de transição, a Junta de Salvação Nacional, cujo presidente foi o general Antônio Spínola. Em 1975, após realização de eleições livres e diretas para o legislativo, teve início a elaboração da nova Carta Magna;

4) Aprovada a nova Constituição Portuguesa, em 2 de abril de 1976. Em 27 de junho foi realizada a eleição vencida por Ramalho Eanes e tendo Mário Soares como primeiro-ministro;

5) Portugal iniciou o processo de entrada para a Comunidade Econômica Europeia.

Nem o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) nem os governadores. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) aberta no Senado para investigar a atuação do governo na pandemia deve mirar primeiro nos militares. **Página 14**



Foto: Divulgação

Câmara completa quatro meses sem uma bancada de oposição

Atual legislatura da CMJP tem vivido situação peculiar: registra um plenário composto apenas por "bloco governista"

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

A Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), como boa parte de outras casas legislativas dentro e fora do estado, sempre viveu momentos de oposição minúscula em plenário e sem condições, na maioria das vezes, de poder sequer polemizar ou fazer frente a matérias oriundas do Poder Executivo. Desde o mês de janeiro, quando do início da atual legislatura, a CMJP tem vivido uma situação peculiar: não possui oficialmente uma bancada de oposição, registrando praticamente um plenário composto – e comandado – apenas por um "bloco governista".

Ao contrário do que é corriqueiro em uma casa parlamentar, hoje a Câmara

de João Pessoa, por exemplo, não possui o chamado colégio de líderes, nem mesmo para produzir e conduzir as pautas de votações junto à presidência da mesa diretora. E mesmo com alguns partidos apresentando três vereadores em plenário, o Legislativo pessoense não tem bancadas constituídas formalmente e, como não tem bancadas, também não tem líderes de blocos partidários eleitos em atuação.

Apesar de as urnas de novembro do ano passado terem elegido doze vereadores pela oposição, compondo legendas que enfrentavam a disputa eleitoral contra o atual prefeito eleito, Cícero Lucena (Progressis-

"Dos 27 vereadores, oposição só eu e Marmuthe. Está difícil achar mais um para formar uma bancada e definir um líder", lamenta o vereador Marcus Henriques, do Partido dos Trabalhadores



Foto: Secom-CMJP

tas), hoje a oposição na Câmara se resume a apenas dois parlamentares: Marcos Henriques (PT) e Marmuthe Cavalcanti (PSL).

Outros nove vereadores "mudaram de posição" assim que assumiram seus mandatos: Mikika Leitão e Coronel Sobreira, do MDB; Marcílio do HBE, Tarcísio Jardim e Carlão do Bem, do Patriota; Bosquinhoe Emano Santos, do PV; Júnio Leandro (PDT); e Luiz Flávio (PSDB). O único que não tem se comportado como vereador de situação, até o momento, é Milanez Neto (PV). Isso, no entanto, muito mais "pelo silêncio" do que propriamente por tomada de posições.

"Dos 27 vereadores, oposição mesmo

só eu e Marmuthe. Está difícil achar mais um para formar uma bancada e definir um líder", confessa o vereador Marcos Henriques, que, confiando na quantidade de opositoristas oriundos das urnas, chegou a sonhar com uma espécie de um G11, que seria a reedição de um bloco parlamentar homônimo do grupo que existiu até o ano passado na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), que se intitulava independente.

Desde o começo da atual legislatura que o petista convida e marca reuniões para definir essa bancada independente e, consequentemente, oficializar um líder formalmente. Mas o problema é que só tem conseguido se reunir com Marmuthe Cavalcanti, formando apenas uma dupla de oposicio-

Uma luz no fim do túnel

Desde o início da atual legislatura, sem registrar pelo menos três vereadores para formar e formalizar uma bancada de oposição, nesta semana a CMJP começou a receber sinais de que essa situação pode mudar nos próximos dias. É que no último dia 21, através de um vídeo divulgado nas redes sociais, o vereador Júnio Leandro anunciou que estava saindo da posição de parlamentar independente para fazer oposição ao prefeito Cícero Lucena.

Seria uma luz no fim do túnel e a possibilidade de instalação oficial de uma oposição no plenário do Poder Legislativo pessoense. "O meu compromisso não é defender gestão

nenhuma", afirmou Júnio Leandro, minutos depois de sair de uma reunião com o chefe do Executivo municipal, quando, segundo o pedetista, nada do que foi prometido tem sido cumprido, e que seu compromisso, a partir daquele momento, seria o de defender sua categoria, no caso, os trabalhadores do segmento da saúde.

Júnio detalhou no vídeo que já havia solicitado essa reunião com o prefeito há muito tempo e que, para o encontro, levou todas as reivindicações oriundas da campanha, tendo como principal delas o incentivo adicional ou 14º salário do pessoal da área da saúde. "Agora a pancada é diferen-

te", afirmou o vereador no último dia 21, ao lembrar que tema Câmara Municipal para fazer a defesa dos seus projetos e que tudo o que havia levado para a reunião era "resultado de compromisso firmado com o prefeito e foi promessa de campanha", garantiu.

Júnio Leandro, assim, também como todos os demais vereadores eleitos pela oposição, já vem há semanas sendo convidado pelos vereadores Marcos Henriques e Marmuthe Cavalcanti para formarem uma bancada de oposição. É que, pelo Regimento Interno da CMJP, a formação de uma bancada exige a composição mínima de três vereadores.

Fotos: Secom-CMJP



Vereador Marmuthe Cavalcanti completa a dupla de opositoristas na Câmara Municipal da capital paraibana

Opositoristas com o prefeito

A inusitada situação do atual plenário da Câmara de João Pessoa tem trazido inovações que até surpreendem quem sempre acompanha os trabalhos na Casa. E, algumas vezes, com episódios que chegam a ser cômicos e que chamam a atenção.

Em toda Casa Legislativa, por exemplo, há sempre um momento em que, para facilitar e agilizar as votações, o presidente da sessão pergunta como vota o líder da bancada deste ou daquele partido, o líder da maioria ou da minoria, o líder da bancada situacionista ou da oposição. Isso desapareceu completamente da linguagem dos trabalhos da CMJP.

O resultado dessa situação é que, até mesmo para ganhar tempo, quando a matéria é de interesse do Poder Executivo, o presidente da sessão pede pronunciamento de voto apenas de quem não con-

corda, o que resulta em justificativa de dois ou mesmo de apenas um vereador.

Aí vem o cômico: já que a pandemia do novo coronavírus tem gerado matérias cuja aprovação chega a ser urgente, em um certo dia de votações o vereador Marcos Henriques também "teve de entrar no barco do voto a favor", e diante de olhares surpresos e de possíveis cochichos remotos na sessão, justificou sua posição: "Eu votei no prefeito, mas sou oposição". Terminou provocando risos em vereadores e assessores que acompanhavam os trabalhos da Casa.

///Eu votei no prefeito, mas sou oposição ///

Em termos cômicos – ou inusitados –, Marcos Henriques não conseguiu bater o trio de vereadores

que compõem a bancada do Patriota: Marcílio do HBE, Tarcísio Jardim e Carlão do Bem. No mesmo dia do episódio do petista, o trio Patriota se reuniu durante quase duas horas para escolher o líder do partido e terminou não escolhendo ninguém.

Ao contrário deles, nem reunião para isso tem feito os três vereadores do Partido Verde (PV): Bosquinhoe, Milanez Neto e Emano Santos. E menos ainda Coronel Sobreira e Mikika Leitão, ambos do MDB, têm conseguido essa façanha, mesmo pelo fato de que o MDB foi o principal concorrente ao atual prefeito Cícero Lucena nas disputas pelo primeiro e segundo turnos das eleições municipais do ano passado. Mikika Leitão, com o filho deputado estadual, Felipe Leitão, é aliado do prefeito. Felipe ocupa uma secretaria municipal na administração Cícero.

Polêmica demais e sem retorno

O mais inusitado da atual legislatura da Câmara Municipal de João Pessoa é que, com exceção do vereador Marcos Henriques, quase todos os demais vereadores procurados pela reportagem de A União se negaram a falar sobre esses quatro primeiros meses da legislatura atual no que diz respeito ao posicionamento político-administrativo em plenário.

Pelo menos por meio de sua assessoria, a presidência da CMJP resolveu falar. Alegou que "não cabe ao presidente (Dinho Doslew, do Avante) e sim aos próprios vereadores definirem as lideranças". E que cada bancada pressupõe a existência de três integrantes. Também lembrou a história de outros parlamentos. E

a assessoria afirmou que "quem cuida da oposição é a oposição. Não seria bem democrático o presidente da Casa ou o prefeito ditar quem é ou não é oposição".

Questionada sobre a não existência de um colégio de líderes para o encaminhamento das pautas de votações, o que é regimental, a assessoria da mesa diretora da CMJP prometeu: "Assim que me encontrar

Em relação a lideranças, a única exceção é do vereador Bruno Farias, indicado desde o início como líder governista

pessoalmente com ele (o presidente), eu pergunto".

A única exceção na atual legislatura da Câmara pessoense é o caso do vereador Bruno Farias (Cidadania), que, logo no início do ano, foi formalmente anunciado pelo prefeito Cícero Lucena como líder da bancada governista.

Todavia, sem uma bancada oficial da oposição, Bruno Farias não tem precisado orientar nenhum dos seus liderados para as votações de matérias e nem tem enfrentado trabalho de convencer ninguém. Apenas age e fala pelos 25 dos 27 vereadores que, pouco preocupados com os partidos que integram, se juntam, até agora, não numa grande bancada, mas numa espécie de "bloco oficial".

CPI da Covid põe militares no foco das investigações

Generais Eduardo Pazuello e Walter Braga Netto devem entrar na mira do TCU e de membros da comissão

Mateus Vargas e Vinícius Valfré
Agência Estado

Nem o presidente Jair Bolsonaro nem os governadores. A Comissão Parlamentar de Inquérito aberta no Senado para investigar a atuação do governo na pandemia deve mirar primeiro nos militares. Os generais Eduardo Pazuello, ex-ministro da Saúde, e Walter Braga Netto, atual ministro da Defesa, que comandou um comitê de crise quando estava na chefia da Casa Civil, entre outros oficiais, devem ir a um incômodo "banco dos réus". Ambos os generais entraram na mira do Tribunal de Contas da União (TCU) e de membros da CPI.

A convocação de Pazuello já era certa, mas ontem senadores da CPI combinaram de incluir entre os primeiros a serem ouvidos também o atual ministro da Defesa. A decisão ocorre após o Estadão revelar que técnicos do TCU consideraram que Braga Netto não atuou de forma a "preservar vidas" quando comandou o comitê da crise. O general teria entrado em contato ontem com ministros da Corte para se defender e tentar sair da mira do tribunal, cujos relatórios costumam pautar as CPIs. Ao Estadão, o Ministério da Defesa negou que o comitê tenha sido omissos com a crise.

Membro da CPI, o senador Otto Alencar (PSD-BA) disse que as apurações não podem ficar restritas à conduta do ex-ministro Pazuello. "O Ministério da Saúde não é só Pazuello. Existe uma estrutura organizacional de cargos, com responsabilidades. Quando o Pazuello foi ao Senado, por exemplo, o secretário executivo dele (o coronel da reserva Elcio Franco) estava do lado", disse. Sobre a conduta de Braga Netto, afirmou: "Vamos averiguar, pedir informações ao TCU. A investigação vai ditar os

requerimentos de informações e as convocações".

"Não tenha dúvida que vamos discutir a convocação de Braga Netto. Acompanhamos tudo dos relatórios do TCU, do MPF e denúncias. Vamos atrás de cada uma. O relatório do TCU é muito rico, vai ser uma base importante para os trabalhos", reforçou o senador Humberto Costa (PT-PE), que também integra a comissão.

"Na medida em que a CPI busca fazer uma radiografia completa da atuação do Governo Federal no combate à pandemia, avaliar a atuação do comitê presidido pelo ministro Braga Netto será provavelmente indispensável", complementou o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), um dos autores da CPI.

Diante dos novos fatos envolvendo militares, interlocutores do Planalto já avaliam que o governo estará no lucro se os debates da comissão se limitarem a Eduardo Pazuello. Sua equipe mais próxima na Saúde era formada por cerca de 20 nomes da ativa e reserva.

A disposição dos senadores, contudo, é convocar todos a depor em sessões transmitidas ao vivo. Eles não costumam ter parcimônia com seus investigados e a história registra episódios em que depoentes saíram presos de comissões. Razão pela qual é cada vez mais frequente que depoentes acionem o Supremo Tribunal Federal (STF) para não serem obrigados a dar as caras e prestar depoimentos. Uma CPI também tem poderes para quebrar sigilos fiscal, telefônico e bancário.

"Estão fazendo prejulgamento antes de instalar a CPI. Não é um tribunal de inquisição, temos que ter calma. Já estão condenando, isso não funciona. Primeiro, temos que ver o que está acontecendo", disse o senador Jorginho Mello (PL-SC), um dos dois governistas na CPI, que tem 11 membros.



Foto: Agência Brasil

Com a instalação da CPI, o governo Jair Bolsonaro entra em fogo cruzado no Senado, que investigará se houve omissão do Planalto na pandemia

+ Com Pazuello, país chegou a 300 mil mortos

Sob comando de Pazuello na Saúde, o Brasil saltou de cerca de 15 mil óbitos para 300 mil vítimas da pandemia e tornou-se uma ameaça global. Na quarta-feira passada, o TCU acusou o general de alterar o plano de contingência da Saúde na pandemia para livrar o governo de responsabilidades no monitoramento de estoques de medicamentos, insumos e testes.

A obediência de Pazuello ao presidente ficou nítida em outubro de 2020, quando cancelou uma compra de 46 milhões de doses da Coronavac. "É simples assim. Um manda e outro obedece", disse na ocasião. A promessa de aquisição da vacina havia enfurecido Bolsonaro, pois os dividendos políticos iriam para o governador de São Paulo, João Doria (PSDB).

Ainda em fevereiro, um ministro do STF demonstrava, em conversa reservada com o Estadão, a preocupação diante da possibilidade de os militares serem alvo de uma CPI. Mesmo a Comissão Nacional da Verdade, que mirou agentes da re-

serva e questões da história, havia criado uma crise na cúpula militar e um estranhamento entre o governo Dilma Rousseff e a caserna.

Nesta semana, o ministro Gilmar Mendes disse ao Estadão não temer problemas institucionais. Ele observou que os militares foram "reprovados" na gestão pública e defendeu o direito da CPI de investigá-los. Em julho de 2020, o ministro já havia afirmado que o Exército estava se associando a um "genocídio".

Enquanto Bolsonaro atacava a vacina, as Forças Armadas foram vitais para turbinar a produção da cloroquina, sem eficácia comprovada contra a covid-19. O Laboratório do Exército fez 3,2 milhões de comprimidos na pandemia. O lote anterior, de 2017, foi de 256 mil. A passagem de Pazuello na Saúde ainda ficou marcada por críticas sobre a omissão do governo no colapso no Amazonas.

O Ministério da Saúde afirmou que "desde o início da pandemia tem trabalhado incansavelmente para salvar vidas". Braga Netto não quis comentar.

Gestão militarizada

O Ministério da Saúde se militarizou sob o comando de Eduardo Pazuello. Pelo menos 20 militares da ativa e da reserva assumiram cargos na pasta, enquanto técnicos com experiência em crises sanitárias deixaram o governo ou foram isolados. O Centro de Operações de Emergências (COE) sobre a covid-19, montado para ser o coração das ações, foi esvaziado. O órgão passou das mãos de técnicos ao comando de militares.

Número 2 da gestão Pazuello, o coronel da reserva Elcio Franco era apontado como o motor da pasta e liderava reuniões com gestores do SUS, empresas e autoridades do governo. Coube ainda a Franco comprar brigas políticas com o governador de São Paulo, João Doria (PSDB). Em dezembro, quando o tucano prometeu começar a vacinar até 25 de janeiro, Franco divulgou vídeo dizendo que Doria não deveria "brincar" com a "esperança de brasileiros". A primeira dose da Coronavac foi aplicada no Brasil em 17 de janeiro, antes do previsto.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Dez minutos no confessionário

No Brasil da extrema pobreza, da urgência sanitária, da crise profunda que vivemos atualmente, a grande imprensa dá destaque à notícia de que uma moça chamada Juliette demorou dez minutos no confessionário do reality show de uma televisão. A Assembleia da Paraíba aprovou medalha Epitácio Pessoa para essa Juliette, a mais nova subcelebridade do país. Consta que Juliette ganhou de outra figura cabível nesse status, obtendo mais seguidores nas redes sociais do que o tal controvertido personagem, aboletado no mais importante cargo da nação. A sociedade de massa precisa desses protagonistas frívolos e superficiais para se sentir inserida no consumo de bens e estar dentro do modelo de comportamento geral. A mídia se encarrega de fabricar tais figuras.

Eu fiquei particularmente curioso a respeito do que confessou essa moça durante dez minutos, e no que consiste o tal confessionário. Não vejo esse tipo de programa. Suponho que seja um retrato mal revelado de um Brasil real homogeneizado pelo mau gosto e a estupidez, tão em voga atualmente. Antes que me acusem de esnobe, faço saber que não vejo televisão de espécie alguma, exceção feita ao futebol e rápidas passadas nos noticiários. Compadre meu sempre assiste o tal reality show, apesar de "odiar" a patuscada. Explica que é para melhor falar mal da esbórnica televisiva no tal

confinamento. Acho que, no fundo, ele ama espionar a vida alheia, mesmo que seja nessas apelativas exhibições.

Pela generosidade do compadre Sérgio Ricardo Santos, editor de um portal em Bayeux, recebo convite para produzir um podcast semanal. Dá-se o nome de podcast a conteúdos em áudio publicados na internet. Conhecedor das manhas do mundo virtual, Sérgio deu a dica: falar sobre assuntos específicos para fidelizar ouvintes. Que coisas abastadas eu diria no tal podcast que fosse de interesse de possíveis receptores? Imaginei alguma coisa ligada aos trens, já que a única tarefa que exerci profissionalmente e da qual entendo um pouco é ferroviária. Mas, quem danado quer saber de trem, um fantasma enferrujado nos meus sonhos e no pesadelo da morte do sistema ferroviário nacional? Nos Estados Unidos, esse modal é igual um herói da nação. Apesar de adorarem o automóvel, mantêm sua gigantesca malha ferroviária. Aqui, mataram o trem, igual assassinaam os índios, e enterram o passado em cova rasa, debaixo dos trilhos e dormentes podres. O Brasil exterminou sua rede ferroviária e, com ela, um pedaço da alma deste país estranho.

Foi aí que me lembrei da moça do reality show no confessionário. Expor pecados e pecadores e estimular o imaginário das pessoas em torno do jogo da privacidade e voyeurismo. O editor aprovou que o tal podcast teria o

título de "Dez minutos no confessionário". A estreia será em 25 de abril, Dia do Telégrafo sem Fio, aquele primitivo sistema de comunicação através de sinais elétricos. Coincidentemente, fui radiotelegrafista, talvez o último profissional a operar com a radiotelegrafia na Paraíba. Transitei do Código Morse ao podcast ultramoderno, o que me faz um elemento altamente carregado de confissões para revelar.

Aqui onde moro atualmente, nos confins da cordilheira da Borborema, meus vizinhos escassos não têm internet e jamais saberão notícias dos meus segredos confidenciais no tal confessionário eletrônico. É um povo bom, humanitário, esse do interior. Essas pessoas não trocam mensagens a toda hora pelo WhatsApp, mas, se você passar na frente das casinhas com ar triste ou apressado ou mostrando sinais de abatimento, a comunidade corre para saber o que aconteceu, como pode ajudar. Falarei sobre eles na primeira edição do podcast. Em dez minutos contarei a história da mulher da quitanda que rejeitou meu doce de jaca porque tal amabilidade entre vizinhos poderia estragar nossas relações comerciais. A narrativa é interessante, garanto.

Para ouvir o podcast "Dez minutos no confessionário", dia 25 de abril, às 10 horas: <https://www.radio.diariopb.com.br/>

Educação: povos indígenas ampliam conhecimentos

Para a população indígena brasileira, o acesso à universidade é uma realidade bem diferente de alguns anos atrás

Renato Félix
Especial para A União

“Hoje a gente já vê indígenas odontólogos, advogados, enfermeiros, farmacêuticos, engenheiros ambientais, pedagogos... em diversas áreas. Estamos voltando para nossas aldeias para trabalhar com nosso povo através da saúde indígena, da educação escolar indígena. E alguns também trabalhando fora, indo buscar seus espaços fora”. A frase é de Luan Potiguara, professor de Etnohistória, de Química, ativista, escritor e vereador, residente da Aldeia Monte-Mor, em Rio Tinto. O depoimento evidencia um momento em que o diálogo entre a universidade e os povos indígenas deixou de ser apenas de analistas por um lado e objeto de estudo pelo outro, mas passa cada vez mais a ser de mão dupla.

Para a população indígena brasileira, o acesso à universidade é uma realidade bem diferente da de alguns anos atrás. “Aumentou bastante”, reflete Luan, ele próprio formado pela Universidade Federal da Paraíba. “Entre na universidade federal em 2005. Eram pouquíssimos alunos indígenas que conseguiam”.

Ele aponta como razões para essa dificuldade a necessidade de morar fora e se afastar de seu lugar, família e costumes. “As condições financeiras, a própria questão de sair da aldeia e ter que enfrentar um universo totalmente diferente. A gente teve bastante contato com os colonizadores, com outras culturas, mas é muito difícil pra uma pessoa que foi criada com costumes tipo estar no rio pescando, no roçado com a família, estar muito junto de seus avós, de seus pais, e de repen-



Fotos: Divulgação

Número maior de indígenas nas universidades deixa para trás uma relação que era de analistas e objetos de estudo

te ir pra uma universidade fora. Não ter condições de vir em casa, vir de seis em seis meses, se virar lá de tudo o que é jeito, com pessoas diferentes, com culturas diferentes”.

Esse choque de culturas faz despertar, do outro lado, o preconceito que os indígenas ainda precisam enfrentar. “Isso eu enfrentei bastante na universidade”, recorda o professor. “Na universidade, eu fui fazer Licenciatura em Ciências Agrárias, no campus de Bananeiras. Ingressei, lá, no movimento estudantil, fui candidato ao DCE de lá, e uma parte do pessoal mais da elite dizia piadas do tipo ‘o índio trocou ouro por espelho, hoje quer ser representante da gente?’. Era uma série de fatores que não eram fáceis para quem estava vivendo essa experiência”.

O choque cultural tam-

bém se faz visível do outro lado, quando o indígena volta para sua aldeia, após passar pela universidade,

“Hoje, a gente vê jovens indígenas que foram à universidade, adquiriram conhecimento acadêmico, voltaram para suas aldeias e estão ocupando alguns espaços importantes”

disposto a aplicar na prática o conhecimento que adquiriu. “Há uma certa resistência. Por exemplo: meu pai”, lembra. “Eu trazia as questões que eu aprendia na universidade para aplicar na agricultura, e a gente sempre tinha aquele embate: ele dizia que isso

não funcionava, o que valia era o jeito que ele aprendeu com meu avô... A questão da cosmologia, o plantio de acordo com as fases da Lua... Sempre tem uma certa resistência, mas uma resistência saudável”.

A tendência, no entanto, é que o conhecimento acadêmico e a sabedoria tradicional se ajudem. “Hoje a gente vê jovens indígenas que foram à universidade, adquiriram conhecimento acadêmico, voltaram para suas aldeias e estão ocupando alguns espaços importantes. E estão aí juntando o tradicional com o conhecimento acadêmico”, conta.

Para isso, políticas públicas de inclusão foram de fundamental importância. “De uns tempos pra cá, com a criação das cotas indígenas, os programas como o Programa de Licenciatura Intercultural Indígenas... E

a bolsa permanência foi um fator primordial para que o indígena pudesse se manter em outras cidades, sem depender tanto da família”.

A tendência, no entanto, é que o conhecimento acadêmico e a sabedoria tradicional se ajudem

Ele conta como os potiguaras celebram hoje sua história de resistência. “Nós, potiguaras, passamos por um processo muito doloroso com diversas invasões: portugueses, franceses, holandeses. E nós aqui de Rio Tinto, por último, tivemos a chegada de descendentes de suecos,

que fundaram a Fábrica de Tecidos Rio Tinto e vieram como um rolo compressor e foram dizimando e empurrando os indígenas que moravam aqui na aldeia Monte-Mor para outros lugares”, afirma. “Então muita gente fugiu daqui: foi para o Rio Grande do Norte, Baía da Traição... Os que ficaram aqui ficaram trabalhando na fábrica e a repressão era tão forte que muitos negaram suas origens, esconderam sua identidade étnica”.

Hoje, essa identidade não é mais escondida. Luan Potiguara é vereador em Rio Tinto, mas não o único indígena na câmara municipal. São quatro, em um total de 11. “Os potiguaras são um dos únicos povos do Brasil que não arderam pé de suas terras. Foram muitas guerras, muitas lutas. Então tivemos que nos adaptar para não deixar nosso lugar”, diz.

Inclusão digital aproxima indígenas e universidades

Outro benefício da aproximação entre universidades e povos indígenas é a inclusão digital. Alguns projetos procuram ajudar nesse processo, de uma maneira que não se perca a identidade cultural de cada aldeia. Na Paraíba, o Projeto Nina, voltado para as meninas indígenas, estava em atividade até a pandemia interromper os trabalhos. O projeto atuou em 2019 e meados de 2020 na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Cacique Domingos Barbosa dos Santos, em Rio Tinto.

“O projeto Nina teve por foco a aproximação de meninas indígenas na área da computação, de modo a despertar nelas o interesse pelas carreiras de ciências exatas, engenharias e computação, e mostrar o Ensino Superior como possibilidade de crescimento e autonomia”, explica a pro-

fessora Thaíse Kelly Costa. A entrada de mulheres nos cursos de ciências exatas é historicamente dificultada por um pensamento machista persistente e, paralelamente, pela pouca frequência feminina, que se torna desestimulante para as alunas, que podem sentir muito sozinhas.

“Acreditamos que uma vez que as alunas do Ensino Médio conhecem mulheres em carreiras na área de computação, podem vislumbrar novos caminhos de formação e planejar melhor seus futuros profissionais”, continua a professora.

No projeto, alunas da escola indígena visitaram a UFPB para apresentação dos cursos das áreas de computação, e conhecer projetos de ensino, pesquisa e extensão dos cursos do Departamento de Ciências Exatas. Também houve aplicação de oficinas

de computação com foco no design de soluções tecnológicas para empoderar mulheres, capacitação de professores da escola indígena para formação de um núcleo apoiador, e uma mostra de vídeos com foco no protagonismo feminino para estimular o potencial das alunas.

O projeto recebeu o apoio do CNPq por meio do edital CNPq/MCTIC - Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação. “Ele encerrou em 2020, mas espera-se que novos editais de apoio e incentivo a estas iniciativas possam ser abertos para continuidade das ações nessa e em outras escolas”, conta a professora.

Ações como essa contribuem para tornar essa inclusão digital mais presente, mas ela já é uma realidade. “A gente vem já trabalhando com os



Várias ações estão contribuindo para tornar a inclusão digital mais presente nas comunidades indígenas

mais jovens e com os pais desses alunos uma educação inclusiva na qual o ancião também está desenvolvendo seu papel de dialogar com os jovens. E vendo essas novas tecnologias, sendo filmados, participando desse contexto digital”, conta Luan Potiguara.

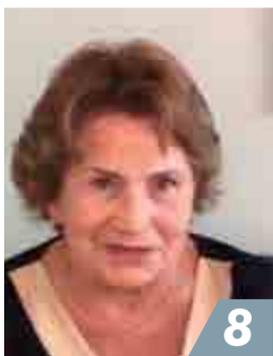
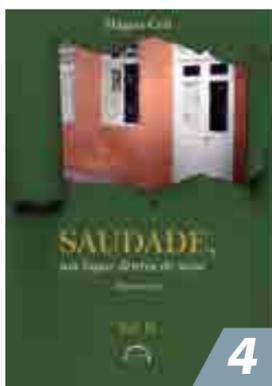
“São mais de 200 povos indígenas no Brasil e ainda existe essa ideia ca-

ricata que o indígena vive isolado e aquele que tem acesso a internet e computador deixa de ser indígena”, reclama o professor. “Já tem o Mídia Índia (<https://www.instagram.com/midiaindiaoficial>), que capacita vários indígenas para os próprios índios estarem falando do seu dia a dia, escrevendo e mostrando sua histórias através dessas novas mídias”.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Aos domingos com
**Messina
Palmeira**



1. Por conta do Dia Nacional do Livro, ocorrido no último dia 18, esta colunista foi convidada para participar de entrevistas comandadas pelos radialistas Adauto Brito e Bertrand Sousa e pelos jornalistas Abelardo Jurema e Ceres Leão, em programas midiáticos, o que nos proporcionou momentos de enlevo cultural.
2. A Prefeitura de João Pessoa, por meio da secretária titular da Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas, jornalista Nena Martins, promoveu reunião com os diretores do Sebrae-PB, Luiz Alberto e Neto França, para viabilizarem projetos de apoio a mulheres vítimas de violência ou que vivem em situação de vulnerabilidade social a mudarem de vida por meio do empreendedorismo.
3. O Tabajara Entrevista, produto inovador da tradicional Rádio Tabajara, estreou na quarta-feira (21/4), sob a batuta do repórter Mateus Silomar, que entrevistou o sociólogo Jáder Neves. A Tabajara, dirigida pela jornalista Albiege Fernandes (foto), vai apresentar esse programa a cada quinze dias, sob a direção de Rayo Miranda e edição de João Lira.
4. Em fase final de revisão o segundo volume de memórias da professora Magna Celi Meira de Souza – SAUDADE, um lugar dentro de mim. A obra será editada pela Mídia Gráfica e Editora e tem capa criada pelo filho Omar Khayam, editoração eletrônica de Luis Kerhle, com supervisão de editoração do professor Francelino Soares.
5. A professora e ex-reitora do Unipê, Ana Flávia Pereira da Fonseca, na foto com o diretor geral do Hospital Napoleão Laureano, Thiago Lins da Costa Almeida, com o diretor financeiro, Rafael Rabelo e com a assessora de Planejamento, Marta Cristina de Assis, foi convidada para conhecer o setor pediátrico do hospital. A pauta? Novos projetos de cooperação internacional.
6. O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), presidido pelo escritor Ramalho Leite (na foto com a esposa, Marta Ramalho), comunicou, logo após a realização da primeira eleição on-line do ano, que os historiadores Flávio Ramalho de Brito e Sebastião Ferreira Filho são os novos ocupantes, respectivamente, da cadeiras de números 8 e 49 da importante instituição de cultura de nosso estado.
7. Na data do aniversário desta colunista, dia 18 deste mês, recebi inúmeras mensagens. Registro, neste meu espaço, as felicitações de Terezinha Marcelino, Socorro Ribeiro, Socorro Brito, Glicia Colares, Rosilda Xavier, Sandro Galvão, Liszt Madruga, Abelardo Jurema (na foto com o prefeito, Cicero Lucena), Ana Célia Macedo, José Bezerra e Josemberg Lima, dentre outros.
8. Em Campina Grande, a nossa querida Rainha da Borborema, está sendo construído o Centro de Convenções Vital do Rêgo. Em nome da viúva do magistrado e político paraibano, a senadora Nilda Gondim (foto), e de seus filhos, o ministro do Tribunal de Contas da União – TCU, Vital do Rêgo Filho, senador e atual vice-presidente do Senado Federal, Veneziano Vital do Rêgo e médica pediatra Rachel Gondim Vital do Rêgo Freire, parabênizo o bravo povo paraibano.
9. Damião Feliciano, Telmo Lopes, Romero Reis (na foto com a esposa, Moema Reis), Auxiliadora Borba, Selma Smith, Marize Lopes, Nik Fernandes, Kelly Oliveira, Mércia Figueiredo, Marcos Caju, Terezinha Vaz e Piedade Cunha Lima são os aniversariantes da semana.
10. O dia 26 de maio, data de nascimento do musicista Sivuca (foto), foi instituído como o Dia Nacional do Sanfoneiro, por meio de aprovação de lei publicada no Diário Oficial da União (DOU).



Tempos de pandemia

Efeitos do estresse e da ansiedade

Sensações de angústia e medo podem desencadear doenças estomacais, como gastrite nervosa ou úlcera

Camila Tuchlinski
Agência Estado

A contadora Sandra Guerra, de 48 anos, começou a sentir fortes dores na região abdominal, queimação no estômago e um mal-estar físico. Ela percebeu que esses sintomas começaram a surgir quando passou por uma situação de estresse. “Notei que eles (sintomas) se intensificaram na época que minha filha estava passando por alguns problemas na escola. Meu médico explicou que quando estamos em situações de tensão, o nosso organismo acelera a liberação do cortisol e adrenalina, hormônios que elevam a produção de ácido no estômago. Lidar com a situação que minha filha estava envolvida fez com que esse processo acontecesse comigo e que desenvolvesse uma dispepsia funcional, um nível da gastrite que atinge todo o estômago”, lembra.

Sandra buscou um especialista que, após avaliação clínica e exames médicos, deu o diagnóstico de gastrite. “Durante a pandemia eu já vinha fazendo o acompanhamento médico e tratamento adequado para a gastrite (emocional), mas notei que após testar positivo para covid-19 tive algumas crises de ansiedade que fizeram os sinais e sintomas aparecerem, felizmente, de maneira mais branda”, afirma. Além do acompanhamento com o gastro, Sandra Guerra faz psicoterapia para ajudar a lidar com estresse e ansiedade.

O médico Gustavo Patury, especialista em aparelho digestivo, explica que o estômago é o órgão que mais sente o estresse: “A ansiedade causada pelo estresse libera cortisol e adrenalina, isso faz com que o corpo produza ácido do suco gástrico em excesso e acaba diminuindo uma camada de proteção que temos no estômago. A alta acidez deixa todo o sistema digestivo irritado, causando dores e náuseas, levando a pessoa a ter uma gastrite nervosa”.

Sempre que não estamos bem, do ponto de vista emocional, o nosso corpo reage. Sensações como angústia, medo, ansiedade podem desencadear doenças estomacais como gastrite nervosa ou úlcera.

“A gastrite é uma inflamação que ocorre na parede interna do estômago. Essas lesões são mais superficiais do que no caso da úlcera, que é um agravante



Foto: Pixabay

Refluxo e síndrome do intestino irritável também têm relação com estresse

da gastrite e apresenta lesões muito profundas na parte interna e no revestimento do estômago. As duas estão ligadas à saúde mental. Na maioria das vezes as complicações da úlcera acontecem pela falta de tratamento da gastrite ou pelo uso de anti-inflamatórios e tabagismo”, enfatiza Patury, que também é especialista em cirurgia bariátrica e metabólica.

Existem outras patologias associadas ao estresse e ansiedade, como refluxo gastroesofágico e a síndrome do intestino irritável. “O intestino é nosso segundo cérebro, aliás, vai além. Ele é responsável por produzir a maior parte da substância do bem-estar (serotonina). Descargas de adrenalina podem mexer com o intestino, causando espasmos e, eventualmente, causar, por exemplo, uma dor de barriga inesperada”, acrescenta o médico Rodrigo Barbosa, cirurgião do aparelho digestivo.

Ele ressalta que, por causa do isolamento social em decorrência da pandemia de covid-19, muitas pessoas promoveram alterações nos hábitos alimentares. Muitos entram num ciclo de mudança alimentar grave por estar em casa, causando as mais diversas alterações, desde constipação a diarreias. Isso também está relacionado ao aumento da ansiedade pelo medo que tem nos mercados, diz Barbosa.

+ Especialistas dão dicas de como evitar doenças

Além de buscar uma alimentação balanceada, inclusive estando em isolamento social, é preciso estar com a saúde mental em dia, na opinião do médico Rodrigo Barbosa. “Muito do que se sente está relacionado não somente ao estado emocional, mas ao que se come, como se come, quanto se come e à qualidade dos alimentos que colocamos pra dentro. Ao mesmo tempo, nos resta esperar por dias melhores e, enquanto isso, vigiar o que comemos, controlando a mente - é o que podemos fazer para melhorar nossa vida na esperança de dias melhores”.

Gustavo Patury concorda: “uma das melhores formas de evitar as doenças do sistema digestório é cuidar do psicológico, assim como manter um tratamento

com um profissional de psicologia ou psiquiatria (no momento de forma on-line), assim como seguir uma alimentação saudável e seguir uma rotina com exercícios físicos que evitam dores e problemas no estômago. Ah, outras dicas de prevenção: evitar comer com frequência alimentos muito ácidos, jejum prolongado, café, bebidas alcoólicas e cigarro”, conclui.

“Muito do que se sente está relacionado não somente ao estado emocional, mas ao que se come, quando se come, quanto se come e à qualidade dos alimentos.”

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Cabrito da Silva, 221
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

Paraibanos arriscam e buscam novas formas de investimento

Aos poucos, a poupança vem perdendo espaço para as Letras de Crédito, CDB, Debêntures e o Tesouro Direto

Carol Cassoli
Especial para A União

A caderneta de poupança completou 160 anos no mês passado e, ainda hoje, segue sendo um dos investimentos mais procurados pela população. Só no último ano, essa modalidade totalizou R\$ 619,4 bilhões em depósitos apenas na Caixa Econômica Federal. No entanto, o paraibano possui outras alternativas de aplicações capazes de se adequar às expectativas e têm experimentado mais estas possibilidades.

A economista Débora Alcântara, avalia que o sucesso da poupança se deve a três razões principais: baixo fator de risco, facilidade de aplicação e taxas de liquidez diárias. Porém, a professora de finanças alerta para as mudanças no perfil do emprego financeiro realizado no Brasil. "A poupança é o investimento mais conservador e tradicional que existe. Normalmente, pessoas que não têm muito conhecimento sobre produtos financeiros ainda preferem essa modalidade, mas isso vem mudando", destaca.

A especialista diz que a

população ainda se apoia na poupança como principal aplicação de renda fixa porque desconhece os outros tipos de investimentos disponíveis no mercado. "Além da poupança, nós temos o Certificado de Depósito Bancário (CDB) e as Letras de Crédito (do mercado imobiliário ou agronegócio, por exemplo)".

Débora comenta que outras possibilidades são investimentos no Tesouro Direto e nos chamados Debêntures, títulos de crédito que fixam a remuneração do investidor através de juros pré-estabelecidos. Para ela, basta que a pessoa conheça bem seu estilo e seja bem aconselhada para que os investimentos surtam efeitos positivos.

Clientes pesquisam

Atualmente, o doutorando em Economia, Cássio dos Anjos, dedica-se a ações da bolsa de valores e da bolsa americana, títulos públicos, dólar, pequenos negócios e fundos imobiliários, multimercado e fundos de ouro, mas, pretende ir além. Agora, ele também quer abrir uma empresa de consultoria.



Pesquisas mostram que os brasileiros estão menos conservadores em relação à aplicação do próprio dinheiro

"Estudando e tendo noção dos riscos e retornos reais de cada investimento, é seguro investir, sim", explica.

No último ano, a busca pelo melhor investimento subiu 21% nas pesquisas do Google, por isso, a especialista Dé-

bora Alcântara lembra que não há uma fórmula para o mercado de investimentos, afinal, cada pessoa tem suas próprias

metas e interesses. "A melhor modalidade de investimento depende do perfil da pessoa ou do investidor", destaca.

Traçar o perfil do investidor é fundamental para o negócio

A curiosidade do brasileiro para saber o que é investimento subiu em 111%, segundo o Google Trends. O entusiasmo do professor de matemática Cássio dos Anjos para investir surgiu bem antes. "Em 2008 eu queria trabalhar no mercado financeiro ou em banco e, por isso, fiz o vestibular para Economia e Matemática", lembra. Já no fim da graduação em Matemática, o doutorando em Economia Aplicada começou a pensar mais sobre investimentos, em meados de 2012.

Apesar da vontade de investir, Cássio achou melhor esperar e preferiu iniciar no mercado em outro momento. "Estudo finanças há algum tem-

po, porém foquei em, primeiro, conseguir uma boa renda para efetivamente começar a investir", o professor explica que iniciou no mercado apenas em 2017 e conta que os investimentos vieram a calhar, pois, no ano seguinte, precisou passar por uma cirurgia e custeou os gastos com os resgates do valor investido.

O professor faz parte dos 3% da população que, segundo a XP Investimentos, investe em ações. Assim como ele, muitas pessoas têm despertado para este universo e, conforme le-

vantamento realizado no final do ano passado pelo Google Trends para avaliar as tendências da rede, as buscas pelo tema também cresceram nos últimos doze meses.

É importante ter consciência do planejamento e do resultado esperado

O professor de matemática destaca que a inflação influi muito no resultado dos investimentos e, por isso, é importante estar ciente dos negócios que está fazendo. "Vale ressaltar que, devido à inflação, mesmo alguns investimentos rendendo de maneira aparente, a pessoa pode estar perdendo dinheiro

com desvalorização", por isso, Cássio e a especialista Débora Alcântara concordam que ter um assessor na hora de iniciar os investimentos faz toda a diferença e que não é necessário temer o mercado. Com a ajuda de um especialista, o futuro investidor conseguirá entender seu perfil e decidir se deve investir em renda fixa ou variável.

"Um assessor traça o perfil do investidor através de algumas informações sobre a pessoa e leva em consideração a capacidade de absorção de riscos também. Assim, ele consegue dizer se aquele investidor tem um perfil conservador, moderado ou agressivo", explica a economista. É a partir deste perfil

que o consultor de finanças é capaz de adequar seus produtos ao investidor e gerar mais chances de sucesso na aplicação.

Além disso, é importante que as pessoas tenham consciência do que estão planejando e do resultado que buscam. Cássio comenta que, há anos, suas aplicações tinham caracte-

rísticas diferentes, porque seus investimentos se voltavam a conquistas e realizações pessoais. Hoje, aos 30 anos, observa que a projeção de seus investimentos mudou. "Agora eu faço investimentos com metas diferentes. Penso em ter filhos, me aposentar, considero os riscos de morte", explica.

SAIBA MAIS

Informações recentes divulgadas pela Decode, empresa especializada em gerenciamento, de dados apontaram que, em cinco anos, o interesse do brasileiro pelos tipos de investimentos aumentou em 22%. Segundo a mesma pesquisa, em 2020, apesar da crise econômica, houve um aumento de 89% nos cadastros de pessoa física na Bolsa de Valores Brasileira (B3).

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Como estruturar um bom plano de gestão

Planejar utilizando bons métodos não é uma prática muito utilizada entre os gestores brasileiros, quer seja na esfera pública quanto privada. São muitas as razões apresentadas para justificar esta carência observada, mas não é este o objetivo pretendido na reflexão que se segue. O propósito aqui é o de contribuir no sentido esclarecer como se deve estruturar um bom Plano de Gestão para ampliar as chances de sucesso dos que decidem por este caminho.

Existe uma máxima onde se afirma que o sucesso da atividade planejada depende basicamente de duas variáveis: método e paixão. O método diz respeito ao conhecimento técnico sobre como fazer. A paixão se traduz pelo comprometimento e a motivação que se deve ter para ao longo do processo de execução. Da intensidade e harmonização destas variáveis depende o êxito pretendido.

A primeira coisa a se definir para iniciar este processo de construção é o horizonte temporal, ou seja, em que tempo posso chegar ao ponto desejado. Isto feito, passamos a

expressar com clareza o futuro pretendido, para que seja alcançado no período ora estipulado. Esta definição é denominada de visão. Neste contexto, gosto de lembrar o pensamento de Joel Barker, um futurista norte-americano, quando disse: "Uma visão sem ação não passa de um sonho. Ação sem visão é só um passatempo. Mas uma visão com ação pode mudar mundo".

Numa sequência se faz necessário compreender a razão de ser daquela instituição pública, privada ou do terceiro setor. Para que ela existe? Qual o papel que deve cumprir? Para que sua existência seja próspera, o que ela deve fazer? Isto se chama missão. A compreensão disto faz com que a equipe se encontre no exercício de suas atribuições.

Por fim, para se alcançar o marco almejado pela organização, de forma que todos os colaboradores estejam motivados e cientes de suas reais atribuições, o processo se completa com a definição dos valores que não poderão deixar de existir para lapidar a imagem da instituição.

Avançando nesta navegação, faz-se necessária uma leitura e análise dos ambientes interno e externo para compreender o cenário em que se pretende atuar. Com que problemas, limitações, oportunidades, influências externas e potencialidades, precisamos conviver e solucionar para que no devido tempo se possa ancorar no porto previamente definido.

Grandes objetivos deverão ser definidos e para que sejam alcançados, que estratégias serão necessárias? Há que se estabelecer prioridades nesta etapa de construção do Plano de Gestão. Para dar consistência ao que está sendo idealizado e permitir uma posterior avaliação do alcance de todos os esforços empreendidos, precisa-se estabelecer metas alcançáveis.

Fechando a cadeia de definições metodológicas, conclui-se a sistematização do planejamento com o elenco de iniciativas prioritárias, ou ações, que serão executadas para que as metas, estratégias e objetivos sejam alcançados. É muito importante que se faça uma mensuração correta destas ações.

Uma vez concluída a elaboração de um Plano de Gestão, torna-se indispensável empreender esforços no sentido de trabalhar o espírito de equipe envolvendo os executores de tantas tarefas a serem cumpridas. Muitas vezes bons planos deixam de alcançar seus resultados nas proporções inicialmente desejadas, porque são conduzidos a luz da prevalência do individualismo.

Trabalhar com base em decisões planejadas é a forma mais segura de se fazer diferente para alcançar novos resultados. Parafraseando o filósofo escocês Graham Bell, nunca ande apenas pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os outros foram, mas lembre-se, planeje os acontecimentos.

Concluo o meu pensamento dizendo da importância de criar um grupo de pessoas, dentre os executores de um plano, para serem indutoras do processo. Um pequeno número de líderes para serem os animadores e coordenarem a sua execução. Quando assim procedem, as organizações celebram com frequência o sucesso das suas gestões.

Mulheres transformam o Semiárido



Renata retornou à zona rural com a família e, com pequeno financiamento, comprou animais para complementar renda com sisal



Com acesso à água e a um de kit para o plantio da palma, Daniela é parte de uma comunidade que renasce graças ao Procace



Dorinha cuida das frutas que serão beneficiadas na associação de mulheres que preside: renda e empoderamento feminino

Com investimento e capacitação, elas mudaram a vida

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O sol forte do Curimataú paraibano ainda não surgiu no horizonte e Renata, como faz todos os dias, às 3 horas, já está de pé fiando sisal na Comunidade Cuiuí, zona rural do município de Barra de Santa Rosa, a aproximadamente 200 quilômetros da capital paraibana. Enquanto isso, na Comunidade Almas, no mesmo município, Daniela já deixou em casa o café pronto e agora cuida da nova plantação de palmas e dos animais da família. Poucos quilômetros as separam de Dorinha, que também já cuidou dos afazeres domésticos e se prepara para sair de moto assumir a rotina da associação que preside. Sob o comando dela, um grupo de mulheres trabalha no beneficiamento de polpas de fruta no Sítio Capoeiras, município de Cubati, a 22 quilômetros de João Pessoa.

Em comum entre essas três mulheres, além da força de trabalho, do convívio com a aridez da terra e, agora, também com a pandemia, a liderança que exercem em suas famílias e comunidades, assim como a esperança que manifestam em tempos melhores a partir da chegada dos recursos do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) – organismo da Organização das Nações Unidas (ONU) –, através do Programa Semear Internacional, do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola. Isso tem possibilitado, mesmo em um período tão crítico, o desenvolvimento sustentável dos seus arranjos produtivos.

Renata Pascoal, 38 anos, e seu marido, Eugênio Batista, 42, tomaram, há quatro anos, uma decisão importante para eles e os dois filhos: voltar para a zona rural após 12 anos residindo na cidade, no município de Barra de Santa Rosa. Nascidos na Comunidade Cuiuí, polo de produção artesanal do sisal na região, ela revela, enquanto conversa sem interromper a fiação, o quanto a família havia sofrido na tentativa de se adaptar ao meio urbano.

“Na cidade, até para comer um ovo, a pessoa precisa pagar. Na nossa terrinha, não; é só pegar da galinha. O feijão, a gente consegue no roçado, e assim vai levando a vida. Esse tempo que passamos na cidade foi muito difícil e a gente sentia muita falta daqui; aí, tivemos a chance de comprar nossa terra e voltar para o nosso lugar. Agora, tudo está melhorando, mesmo nesse momento de pandemia, não temos mais passado nenhuma necessidade”, explicou.

O retorno da família de Renata para o campo é um movimento raro, especialmente, por conta do período de seca enfrentado no Nordeste entre 2012 e 2017, e que permanece em diversas regiões da Paraíba, como o Curimataú, que abriga os territórios vizinhos de Cubati e Barra de Santa Rosa. No ano passado, por exemplo, o Governo da Paraíba decretou estado de calamidade em 148 dos 223 municípios paraibanos por conta da seca, que é monitorada pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Além desse contexto local, desde o fechamento do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), em 2016 - reduzido para o que hoje é a Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo, inserida no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) - os orçamentos para investimentos na agricultura familiar vêm passando por uma sistemática redução. Em 2021, por exemplo, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) teve um corte orçamentário de R\$ 1,3 bilhão

em relação a 2020, mesmo dentro do contexto pandêmico.

Sem os recursos diretos da esfera federal, a principal alternativa para antes como a Paraíba passou a ser a realização de convênios com bancos e fundos internacionais como o FIDA que, no estado, é responsável pelo Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procace), assim como também pelos investimentos aplicados através do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC), com gerenciamento da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer). Os recursos são pactuados com o MAPA e, a partir dele, repassados às unidades federativas presentes no Semiárido.

Foi justamente através do PDHC que Renata e sua família, ao retornarem para Cuiuí, puderam viabilizar a permanência no campo e concretizar o sonho de viver do que cultivam em suas terras. Com os R\$ 2,4 mil (valor a que cada beneficiário teve direito) em mãos, a família comprou cinco ovelhas em 2019. Hoje, pouco mais de um ano depois, elas já contam com 18 ovinos que lhes renderam recursos para cercar a propriedade rural e promover outras benfeitorias. Complementando a renda que a agricultora familiar gerava com a produção das cordas de sisal, a criação de animais iniciada com os recursos internacionais é agora fundamental para a sobrevivência da família em meio à seca e à pandemia.

“Por conta da pandemia, as vendas caíram bastante. A gente nem pode fiar muitas cordas, pois, se fizer isso, elas não vendem e acabo não juntando o dinheiro para continuar a produção. Mas, eu mesma não reclamo, pois graças a Deus nunca faltou nada em casa e os animais estão sendo muito importantes, pois, qualquer coisa, a gente pode vender algum deles ou usá-los para garantir a mistura do almoço; assim, a gente não passa tanta dificuldade. Hoje, estamos felizes e acreditando que as coisas vão melhorar, meus filhos estão estudando, agora tudo on-line, e a gente, devagarinho, está melhorando de vida”, comemora Renata.

Procace viabiliza renascimento da vida na Comunidade Almas

Somada à seca, a cochonilha-do-carmim – inseto natural do México que foi trazido de maneira ilegal ao Brasil no final dos anos 1990 – se espalhou por quase todas as regiões da Paraíba e, ao longo da última década, foi responsável, segundo dados da Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba, por uma drástica diminuição da área de cultivo da palma forrageira. A palma é a principal fonte de alimento para rebanhos bovinos, caprinos e ovinos na região, e a Paraíba perdeu aproximadamente 90% de área cultivada, passando de 160 mil hectares em 2010, para apenas 16 mil em 2017. Com o avanço da pesquisa sobre o inseto invasor, hoje já existem variações da palma resistentes à praga que estão sendo introduzidas nas lavouras. No Curimataú, a palma “orelha de elefante” é a mais cultivada.

No entanto, além da presença e distribuição das palmas para as famílias, a falta de água segue sendo um fator decisivo para o agravamento da crise nessa região, até mesmo para o cultivo das variantes resistentes à cochonilha-do-carmim. No assentamento Comunidade Almas, nem mesmo a perfuração de poços artesanais é garantia de segurança hídrica, pois além da vazão ser baixa na maior parte das fontes obtidas dessa forma, não há potabilidade para consumo humano devido, principalmente, à alta salinidade.

Foi diante da demanda de água e novas palmas que o Procace entrou na vida de Daniela Ribeiro, 29 anos. Primeiro, sua família foi uma das 19 beneficiárias com o acesso à água potável possibilitado por um dessalinizador instalado na comunidade – o equipamento é gerido por um comitê formado pelos moradores. Em seguida, a sua propriedade foi escolhida pelo programa para receber um kit de plantio de palmas, composto por um poço, um cata-vento, um sistema de irrigação por gravidade e sementes

resistentes à cochonilha-do-carmim. Como contrapartida, parte da produção de palmas deverá ser revertida em sementes para a replicação em outras lavouras de agricultura familiar da região.

A mudança veio após a perda de 10 hectares de palma forrageira e de mais 80 animais, entre caprinos e ovinos que morreram, entre 2012 e 2019, por conta da seca. Daniela vive com seus três filhos e o marido, José de Almeida, 44 anos, – que possui mobilidade reduzida – em uma pequena casa branca localizada no centro da propriedade da família. Da sala repleta de tecidos de chita, imagens de santos e do Papa Francisco, ela explica que, hoje, a sua rotina é dividida entre os afazeres domésticos, ampliados pela pandemia – que agora lhe obrigam a também acompanhar as aulas on-line dos três filhos –, em paralelo à criação dos animais e o cultivo da plantação.

Mesmo com o acúmulo de tarefas e a convivência com a seca, ela está esperançosa, pois com a implementação das inovações tecnológicas, aliadas às formações e orientações técnicas oriundas do Procace, assim como o acompanhamento dos técnicos da Empaer, ela percebe e participa do renascimento da vida na Comunidade Almas.

“É uma grande satisfação ter esse kit de irrigação vindo do Procace. Para nós, está sendo uma maravilha, pois antigamente os bichos estavam morrendo por conta da seca e da falta da palma. Agora, temos alimento e água para os animais, também para a plantação e, com o dessalinizador; água boa para nós também. Hoje em dia, acordo e vou cuidar das palmas, depois a gente bota a alimentação dos bichos com gosto. Agora, eu acredito, tenho esperança que as coisas vão melhorar, especialmente, para os meus filhos que, com estudo e uma condição boa, vão poder crescer na vida, mesmo na nossa comunidade”, afirmou Daniela.

Associação de agricultores promove o empoderamento feminino no campo

O protagonismo feminino na agricultura familiar é uma perspectiva crescente dentro dos arranjos produtivos em todo o Brasil e, no Curimataú paraibano, não é diferente. Em 2020, por exemplo, 80% dos alimentos fornecidos ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), foram adquiridos através de arranjos produtivos comandados por mulheres. Nesse novo cenário que se consolida no meio rural, as mulheres estão rompendo, a partir do empoderamento, as barreiras geradas pelo machismo.

Ao longo desse processo, as formações realizadas por ações como o PDHC e, especialmente, o Procace, fortalecem o surgimento de lideranças no meio rural como o exemplo de Maria das Dores Medeiros, a Dorinha. Ela é presidenta – como prefere ser chamada – da Associação de Agricultores do Sítio Capoeiras e articuladora do Grupo de Mulheres Camponesas do Semiárido.

O grupo é composto por sete integrantes, com idades entre 18 e 75 anos, que realizam o beneficiamento de polpas de fruta da região, todas captadas de sua própria produção ou adquiridas de manejos agroecológicos. O coletivo feminino do Sítio Capoeira, além de promover geração de renda, também tem foco na conscientização e organização das mulheres da região.

Dorinha Medeiros conta que desde o surgimento do grupo, em 2009, a vida de cada uma das componentes mudou significativamente e que, especialmente após as formações do Procace – que beneficiou o grupo também com a aquisição de equipamentos para o beneficiamento das frutas e de uma moto que dá suporte à comercialização da produção –, em 2018, a organização coletiva das mulheres, em toda a comunidade, tem sido fortalecida.

“No começo, muitas mulheres tinham medo de participar e o grupo ficava sempre para depois devido às obrigações domésticas da maioria de nós. Muitas vezes, a produção era interrompida, pois chegava o fim da tarde e era necessário retornar para casa e preparar o jantar do marido e dos filhos. Hoje, a gente vai até a hora de terminar tudo o que é necessário; muitas vezes, os maridos vêm nos ajudar e, quando voltamos, o jantar já está pronto em casa. Essa conscienti-

zação e libertação de todas nós só veio com as formações que tivemos sobre gênero e com o empoderamento que pudemos desenvolver a partir do fortalecimento do nosso grupo e da nossa produção. Hoje, vemos aqui mesmo, no sítio, várias mulheres se inspirando e buscando a sua melhoria de vida por conta própria ou em parceria com seus companheiros, não mais com submissão”, afirma Dorinha.

As histórias protagonizadas por Renata, Daniela e Dorinha são exemplos de transformação, qualificação e empoderamento na vida das famílias, viabilizadas pelo investimento em formação através de programas e projetos como o PDHC e o Procace. O sucesso delas reforça a necessidade de que esse apoio seja mantido e ampliado para contemplar mais famílias, pois é preciso romper com a tradição de descontinuidade dos projetos institucionais, responsável pela miséria que persiste no Nordeste.

As mulheres provaram que é possível reverter a cultura de opressão e se transformaram em líderes para a melhoria da qualidade de vida das suas famílias e comunidades. Mesmo em meio a condições climáticas adversas, lhes bastaram, para tanto, o conhecimento, o investimento e a assistência técnica. Com muito trabalho, um sorriso no rosto e a cabeça repleta de sonhos, fé e cuidados, elas bordam na paisagem árida uma imagem de esperanças, tempos melhores e muitas conquistas para o povo do Semiárido.

“Essa conscientização só veio com as formações que tivemos sobre gênero e com o empoderamento que pudemos desenvolver. Hoje, vemos várias mulheres se inspirando e buscando a sua melhoria de vida por conta própria ou em parceria com seus companheiros, não mais com submissão.”

Museu resgata história da navegação na Paraíba

Plataforma apresenta acervo digitalizado da memória cultural marítima do Extremo Oriental das Américas

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

Antes dos aviões se popularizarem como principal meio de deslocamento para viagens longas, os navios monopolizavam o mercado de transportes no Brasil. Na Parahyba, pelos idos de 1850, e na Paraíba, por volta de 1950, as navegações traziam e levavam pessoas, transportavam cargas e até cartas. Tanto em mar, quanto em terra, centenas de pessoas participavam das operações marítimas.

Para resgatar a memória daqueles que viviam para o mar e relembrar um período importante da história do estado, o professor, pesquisador do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) doutor em Arqueologia e especialista em Arqueologia Subaquática, Ticiano Alves, lançou o Museu Marítimo EXEA, uma plataforma virtual que apresenta um acervo digi-

talizado da memória cultural marítima do Extremo Oriental das Américas.

“Era um projeto que a gente tinha desde de 2015, após conhecer duas pessoas, dois pesquisadores, durante meu doutorado na Universidade de Coimbra, em Portugal, em Arqueologia Marítima da Paraíba, e uma das colegas que estava fazendo em Museologia. A gente teve a ideia de juntar as duas áreas, a temática das navegações a partir da Paraíba e transformar em um museu”, explicou.

A opção por fazer um museu virtual se deu por dois motivos: financeiro, pois a manutenção de um museu físico tem um alto custo, inclusive, com a maioria deles passando por dificuldades para operar; e sanitário, diante da pandemia, do distanciamento social, das medidas de prevenção ao coronavírus, ficou ainda mais complicado lançar uma proposta física.

“Usamos então as ferramentas do mundo virtual para expor o acervo. Nosso acervo é totalmente digital, não tem nada físico. São os dados coletados em quatro anos de pesquisa, com documentos, fotografias cedidas por moradores de João Pessoa e Cabedelo, até mes-

mo reportagens do próprio jornal A União”, detalha o pesquisador. Ele conta que era muito comum os jornais darem ênfase aos navios que aportavam

no litoral paraibano, justamente porque era o principal meio de locomoção. Além das reportagens, livros obtidos junto à Capitania dos Portos na Paraíba também integram o acervo.

A primeira exposição do Museu Marítimo EXEA,

intitulada “Profissionais do Mar no Extremo Oriental das Américas - 1850 - 1950”, é dividida em quatro partes. “Um pé na areia e outro no mar”, que conta a história dos profissionais que trabalhavam em terra para garantir segurança e viabilidade dos que

estavam no mar; “Os embarcados da Capitania dos Portos”, resgatando a história dos jovens que começavam a estudar e se preparar na escola na

Fortaleza de Santa Catarina para integrarem a Chama Marinha Imperial, antes da proclamação da república.

As outras duas seções são “Os profissionais da praticagem”, que são os profissionais que cuidam

da ancoragem dos navios de maneira segura, e, por fim, “Os pescadores e marítimos”, que traz a história dos pescadores que saíam para o mar com os barcos vazios e voltavam carregados, e dos marítimos, que trabalhavam esvaziando navios, levando pessoas e cargas ao longo da costa brasileira.

“A navegação não tem fronteira, o navio chega aqui, mas depois vai para algum lugar. A gente, aprofundando o conhecimento da navegação aqui, acaba conhecendo também a história da navegação dos estados vizinhos, até mais distantes, como é o caso do Rio de Janeiro, que foi capital e recebia um grande fluxo de navios. Nossa ideia é no futuro estender o museu até lá”, explicou o pesquisador.

Num horizonte mais próximo, o Museu Marítimo EXEA se organiza para que, até o meio do ano, lance a sua segunda exposi-

ção, “Maré Vermelha”, que vai contar a história recente da pesca da baleia no litoral paraibano. “De acordo com uma pesquisadora da arqueologia da baleação, a pesca da baleia que aconteceu na Paraíba foi a única pesca industrial na costa brasileira. Em todas as outras era feita de maneira artesanal”, conta.

O museu tem um convênio com o Instituto Politécnico de Tomar, em Portugal, que vai permitir que estudantes portugueses façam estágio no projeto, ajudando inclusive a catalogar novos documentos que podem ser pesquisados no meio digital. A Capitania dos Portos também é parceira do projeto.

“Nossa ideia é trazer de forma definitiva a Capitania dos Portos como nossa parceira. Porque em 2013, houve uma liberação para que tivéssemos acessos aos arquivos de lá, mas queremos tornar essa parceria formal”, concluiu.

Acervo tem documentos e imagens cedidos por moradores de João Pessoa e Cabedelo, além de reportagens de jornais, incluindo A UNIÃO

+ Embarcações naufragadas

Para que o museu fosse concebido, os pesquisadores precisaram fazer algumas ações prévias. O maior trabalho de todos foi a catalogação do material documental, em papel, que posteriormente foi digitalizado e exposto no museu. Foram feitas pelo menos três investigações em três áreas da arqueologia: subaquática, naval e da baleação.

Somente na investigação subaquática, o pesquisador Ticiano Alves, entre os anos de 2014 e 2018, conseguiu identificar 41 embarcações naufragadas e cinco achados isolados na Paraíba. Os resultados foram baseados em documentos históricos, como jornais e relatórios de governo de 1850 a 1950, e também por meio de entrevistas com mergulhadores e pescadores locais.

A partir desse trabalho, o objetivo dos coordenadores do museu é fazer mergulho para realizar registros visuais que permitam a recriação em 3D de algumas das

embarcações naufragadas na costa paraibana. A princípio, as embarcações naufragadas que vão ser alvo nessa investigação são aquelas que os pesquisadores têm maior quantidade de informações, principalmente, em relação à localização dos naufrágios.

Além das reproduções em 3D, o Museu Marítimo EXEA também quer aprofundar investigações sobre a relação das embarcações nos estados vizinhos à Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, assim como da história da pesca da baleia nas cidades de Costinha e Lucena.

“Queremos expandir algumas pesquisas, aproveitar boa parte do material que temos coletados e embasar novas investigações. A parceria com as instituições de educação, a ajuda dos estagiários, tudo isso vai permitir a catalogação de novos documentos e novas possibilidades imersivas no museu”, concluiu Ticiano.

Coordenadores do museu pretendem investir em mergulhos para realizar registros visuais que permitam a recriação em 3D de algumas das embarcações naufragadas na costa paraibana



Fotos: Divulgação



SONHO VIRA REALIDADE

JOYCE, A NOVA PROMESSA NO FUTEBOL FEMININO

Aos 17 anos, a paraibana já tem passagem pelas categorias de base da Seleção Brasileira e, atualmente é jogadora da equipe do São Paulo



Joyce saiu de João Pessoa para fazer uma peneira em São Paulo e acabou sendo aprovada, iniciando a carreira no Corinthians

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

A paraibana Joyce de Andrade Simão da Silva, de 17 anos, vem fazendo sucesso no futebol feminino, longe da capital paraibana. No mês em que se completaram 80 anos da proibição do futebol entre as mulheres no Brasil, a atleta

foi destaque no site da Federação Paulista de Futebol (FPF). E não é para menos. A história de Joyce passa por grandes desafios, decisões corajosas e muita força de vontade. Um sonho que começou com mais de 2 mil quilômetros de estrada e uma peneira onde 400 mulheres cheias de talento buscavam uma oportunidade no futebol.

Foi assim que a atleta, que já tem convo-

cações nas seleções de base do Brasil e atualmente joga na base do São Paulo, entrou para o Corinthians na 1ª Peneira de futebol feminino organizada pela Federação Paulista de Futebol, em 2019. Além das qualidades essenciais para trilhar uma carreira promissora, como a paraibana vem realizando, há também uma força especial que a impulsiona a ir cada vez mais longe. O pai, Josinaldo Simão

da Silva, que está sempre por perto, orientando, incentivando e acreditando nos sonhos da filha de viver do esporte que de paixão virou profissão.

A reportagem de A União conversou com a revelação tricolor que, além de títulos, sonha em um dia servir de exemplo, espelho para tantas outras meninas, Brasil afora, que sonham em viver do talento nos gramados.

A ENTREVISTA

A partir de quando surgiu o interesse pelo esporte?

A partir dos 5 anos de idade, quando comecei a jogar na escola junto com os meninos e também por ver meu pai sempre nesse meio futebolístico, e daí fui cada vez mais me apaixonando pelo esporte e criando gosto.

A escolha da cidade de São Paulo para realizar o sonho de jogar futebol, como se deu?

Como eu e o meu pai sempre acompanhávamos as redes sociais sobre o futebol feminino, ele viu a peneira em São Paulo e me ligou perguntando se eu topava ir, e eu apenas respondi: vamos! Não foi uma escolha, foi uma oportunidade que surgiu através da primeira peneira sub 17 organizada pela Federação Paulista de Futebol feminino, onde fui aprovada pelo Corinthians e pelo São Paulo. No primeiro momento escolhi o Corinthians, onde tive muitas oportunidades. Cheguei à seleção brasileira em apenas dois meses jogando pelo clube e encerrei meu ciclo lá, muito grata pela oportunidade. Em 2020 me transferi para o São Paulo, onde me encontro hoje, e estou aprendendo e evoluindo muito. Um clube que me dá uma excelente estrutura para desenvolver meu trabalho.

Como você avalia o futebol feminino em seu estado, onde a Federação é dirigida também por uma mulher?

O futebol feminino na Paraíba evoluiu muito nos últimos dois anos, com a nova gestão da FPF, mas uma sugestão, o que falta ainda para o crescimento do futebol feminino no nosso estado são competições de base organizadas pela entidade para que os clubes comecem a investir mais. A nova gestão teve influência no crescimento dos últimos anos,



Foto: Divulgação/Corinthians

onde um dos avanços foi a transmissão ao vivo dos jogos da final do Campeonato Paraibano em uma tv aberta (SBT).

Como você vê o crescimento do futebol no mundo?

Depois da última Copa na França, onde bateu recorde de público nos estádios e de telespectadores, evoluiu bastante com investimento dos grandes clubes do futebol europeu e sul-americano. Com isso, passaram a aparecer mais patrocinadores e a torcida também passou a incentivar e acompanhar mais a modalidade.

Sobre as dificuldades enfrentadas no futebol feminino. Podemos afirmar que o preconceito ainda é expressivo na modalidade e o que poderia ser feito para reduzi-lo?



Foto: Pedro Ernesto/SãoPaulo

Uma das dificuldades é a falta de competições na categoria de base, falo isso pelo meu estado onde eu vivi e essa foi e ainda é uma dificuldade que existe, e a falta do incentivo do poder público e privado diante das dificuldades da modalidade. O preconceito ainda se faz presente no meio do esporte, mas através das grandes representatividades do futebol feminino como Marta, pela sua história, pela sua luta, as pessoas e o mundo começaram a olhar o futebol feminino com outros olhos, mas ainda precisamos lidar com algumas piadas, e também a diferença de igualdade entre o futebol masculino e o feminino que ainda é grande e estamos lutando para que isso não exista mais.

Ano passado a CBF decidiu usar o mesmo parâmetro nas premiações entre as seleções masculinas e femininas, uma



Foto: CBF/Divulgação

notícia boa. Mas e os salários, como sobreviver no futebol diante de tanta desigualdade? Quando essa enorme distância vai diminuir?

Poderíamos começar com mulheres apoiando mulheres, indo também para os campos assistir aos jogos, incentivar comprando camisa dos clubes femininos, pois é isso que traz renda. Estamos em luta diária pela igualdade, mas ainda precisamos de muito incentivo também de patrocinadores, das grandes marcas como tem o futebol masculino.

Você já passou por seleções de base. Qual o seu principal objetivo?

Se Deus quiser e permitir, meu principal objetivo hoje é me firmar e me profissionalizar na equipe do São Paulo que me acolheu muito bem e chegar à seleção principal.

Campinense tenta a primeira vitória hoje contra o Nacional

Após derrota para o SP Crystal, rubro-negro entra em campo pressionado, marcando a estreia do técnico Ranielle

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Campinense tem hoje a oportunidade de se recuperar da terrível estreia no Campeonato Paraibano, quando perdeu para o São Paulo Crystal por 2 a 1. A Raposa vai enfrentar o Nacional de Patos, às 16h, no Estádio Amigão, em Campina Grande. O Canário do Sertão vem de um empate dentro de casa com a Perilima em 1 a 1 e agora vem em busca de sua primeira vitória na competição.

A arbitragem desta partida será comandada por Thiago Galdino Cavalcanti, de João Pessoa, auxiliado por Adailton Anacleto e Gleydson Francisco, de João Pessoa.

A Raposa viveu uma semana muito conturbada nos bastidores, com confusões e muitas críticas ao trabalho da atual direção do clube. Após a derrota, o clube demitiu o técnico Ederson Araújo, e contratou Ranielle Ribeiro. O novo treinador disse que em quatro dias não poderá implantar totalmente a sua filosofia de trabalho e esquema tático. Ele se limitou a tentar extrair dos jogadores uma melhor atuação e aos poucos ir mudando a forma da equipe jogar.

Sendo assim é possível que o treinador repita a mesma equipe que perdeu em Cruz do Espírito Santo e a Raposa entre em campo com a seguinte equipe: Danilo, Felipinho, Michel Bennech, Silvio Carrasco e Jackinha; Gabriel Pereira, Rafinha e Patrick; Cadu, Marcus Nunes e Rodrigo Amorim.

Do lado do Nacional de Patos, o técnico Warley lamentou bastante o empate contra a Perilima, na estreia. Na avaliação dele, o time foi melhor o tempo inteiro, conseguiu criar várias chances de gol, mas só aproveitou uma e acabou castigado no final da partida, quando cedeu empate. Ele pretende agora conquistar, fora de casa, os pontos que perdeu no José Cavalcanti.

Para esta partida, Warley terá o reforço do zagueiro Diego Góis, contratado esta semana. Ele deverá ficar como opção no banco e o treinador tende a repetir o time que começou o jogo contra a Perilima. O Verdão deverá entrar em campo com Camilo, Gabriel Paulino, Anderson Schmoeller, Breno e Wesley Braga; Fernando Pires, Erivelton, Enercino e Gabriel Corrêa; Jó Boy e Jean Carlos.

Jogadores tiveram uma semana inteira para treinar em busca de corrigir os erros e ir em busca de uma reabilitação no Campeonato



Foto: Samir Oliveira/Campinense

Gerson Gusmão vê equipe do Botafogo no caminho certo, mas lamenta falta de mais opções no ataque

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após a vitória no clássico contra o Treze, o clima na Maravilha do Contorno é o melhor possível e o otimismo está em alta, mas se depender das condições físicas de alguns atacantes, o técnico Gerson Gusmão vai continuar encontrando

alternativas para o ataque botafoguense. Sem Rafael Oliveira, que vive no departamento médico, sem Saulo, se recuperando de uma contusão, Bruno que foi operado no joelho e não deverá jogar mais este ano e Thiago Santos que vive aprimorando a forma física, desde que chegou ao clube e sequer é relacionado para as parti-

das, o técnico diz ter apenas duas opções de jogo para encarar a Perilima, no jogo da próxima quinta-feira, em Campina Grande.

Diante dos problemas, nós temos que achar as soluções com o que nós temos. Contra o Treze, optei por uma equipe sem um atacante de referência, com o Welton caindo pelas late-

rais e fechando para o meio, dando maior mobilidade a equipe. A estratégia deu certo. Mas posso também usar o Ramon Tanque e voltar a ter um homem de referência no ataque, voltando a jogar daquela nossa forma inicial", disse Gerson.

Com seis pontos ganhos, e 100 por cento de aproveitamento, o técnico

Gerson Gusmão vê a equipe indo no caminho certo, sem tropeços, o que pode ser fatal numa competição de tiro curto. Resta agora apenas 5 jogos para definir a classificação para as semifinais.

"Vejo a equipe crescendo a cada jogo. Já estamos há quatro jogos sem perder e isto mostra que estamos no caminho certo. Os jogadores

estão começando a assimilar nossa forma de jogo e a motivação no grupo é grande para garantir o mais rápido possível uma das vagas diretas para as semifinais, evitando assim mais uma fase do campeonato. Nós vamos para Campina Grande respeitando o adversário, mas à procura de mais uma vitória", concluiu o treinador.

Foto: Instagram/Botafogopb



O técnico Gerson Gusmão conversa com os jogadores do Botafogo antes de treinamento coletivo realizado na Maravilha do Contorno

Patrocínios aos clubes não são afetados, apesar da pandemia

No período, os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro registraram um aumento em número de patrocinadores

Ciro Campos
Agência Estado

Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Apesar do efeito devastador para as finanças dos clubes brasileiros, a covid-19 praticamente não impactou em uma importante fonte de recursos: o mercado de patrocínios. O segmento continua bastante movimentado. Segundo levantamento feito pelo Estadão, desde o início da pandemia até agora, os 20 times da última edição da Série A do Campeonato Brasileiro conseguiram fechar cerca de 80 novos contratos com empresas entre renovações e a entrada de parceiros novos.

Times como Santos, Corinthians e Sport lideram esse ranking e fecharam com nove patrocinadores diferentes desde março de 2020 até hoje. Por outro lado, a saída de anunciantes se deu em uma proporção bem menor. Desde março, 25 marcas encerraram o vínculo com os clubes brasileiros. Quem mais teve baixas nesse segmento foi o Flamengo, com seis saídas. No entanto, o time carioca repôs parte dessas perdas e fechou com cinco novos parceiros, alguns de tamanhos inferiores.

Dos participantes do último Brasileirão, somente Red Bull Bragantino e Palmeiras não fecharam com novos parceiros. Os dois são exceção porque contam com modalidades bastante rentáveis de patrocínio master. O time do interior tem o aporte pesado da empresa austríaca de bebidas e a equipe alviverde recebe o investimento anual de mais de R\$ 80 milhões da Crefisa.

A estabilidade do mercado de patrocínios no futebol também ficou comprovada por uma pesquisa divulgada mês passado pelo Ibope Repucom. O Campeonato Brasileiro de 2020 exibiu 145 marcas diferentes no uniforme dos clubes de futebol, número quase idêntico aos 144



O Palmeiras não fechou com novos parceiros porque conta com modalidade mais rentável, através de um patrocínio master, o mesmo que acontece com a equipe do Red Bull Bragantino

“Nós acreditamos que, com a criação de produtos voltados aos torcedores e a conversão das nossas ações em vendas, conseguiremos superar esse quadro de dificuldade econômica com tranquilidade”

registrados no ano anterior. Cerca de metade das empresas anunciantes permaneceu com as equipes, uma taxa de fidelidade maior do que os 40% obtidos na comparação entre 2019 e 2018. A maioria dos contratos não tem seus valores revelados.

Enquanto outros segmentos sofrem com a crise econômica gerada pela pandemia, os patrocínios nos times são uma rara ilha de tranquilidade. Segundo dirigentes e especialistas ouvidos pela reportagem, o futebol continua atrativo por

dar visibilidade às marcas e permitir que o torcedor conheça mais os produtos das empresas parceiras. Foi com essa aposta que a Multimarcas Consórcios decidiu renovar com o Atlético-MG.

“Nós acreditamos que com a criação de produtos voltados aos torcedores e a conversão das nossas ações em vendas, conseguiremos superar esse quadro de dificuldade econômica com tranquilidade”, disse ao Estadão o diretor de marketing e vendas da empresa, Fernando Lamounier. “O que nos

manteve no setor mesmo em um cenário de pandemia foi a possibilidade de apoiar os clubes em um momento de incertezas, promovendo ativações e aproveitando o engajamento dos torcedores para desenvolver ações comerciais”, acrescentou.

Para atraírem patrocinadores, os times ajustaram estratégias. O Flamengo, por exemplo, expõe agora a marca de um novo parceiro nas meias. Várias outras equipes selaram contratos para exibirem as empresas em redes sociais e nos banners das entrevistas. Algumas equipes preferiram até reduzir o valor dos acordos para atraírem novos parceiros, inbertendo a pirâmide em relação aos grandes investidores.

“O Sport priorizou tornar mais baratos os espaços do uniforme para compensar o valor que se buscava com os patrocínios. Houve, sim, uma poluição visual na camisa, mas foi a opção que a gente buscava para diluir entre mais marcas a verba que a gente queria”, afirmou o di-

retor de marketing do clube, Rafael Soares. O time chegou a ter quatro patrocinadores no calção, por exemplo

O Inter tem tentado dar mais destaque aos patrocinadores nos conteúdos diários divulgados pelo próprio clube. Os jogadores gravam vídeos em que ao mesmo tempo orientam sobre a covid-19 e dão destaque aos patrocinadores. “Novos conteúdos foram produzidos, unindo a imagem dos atletas às marcas, compensando desta forma a redução inicial de exposição pela falta dos jogos na TV”, disse o presidente do clube, Alessandro Barcellos.

Para o presidente do Fortaleza, Marcelo Paz, o futebol nunca deixará de ser atrativo para patrocinadores, mesmo durante uma pandemia. “Posso afirmar que investir em publicidade nos clubes de futebol é a forma mais rápida e barata de atingir um grande público. Nós estamos na mídia diariamente, os jogos repercutem durante toda a semana, vale muito a pena investir no esporte”, afirmou.

Na opinião do especialista em marketing esportivo Renê Salviano, os times de futebol continuam recebendo investimentos mesmo na pandemia por causa do cancelamento de outros segmentos, como eventos. “Era mesmo uma tendência marcas e verbas serem migradas para outras possibilidades como o futebol. O grande trabalho das entidades desportivas é serem cada vez mais assertivas no desenho dos projetos a serem captados, focando sempre no objetivo do cliente e inovando cada vez mais”, explicou.

“Posso afirmar que investir em publicidade nos clubes de futebol é a forma mais rápida e barata de atingir um grande público. Nós estamos na mídia diariamente, os jogos repercutem durante toda a semana, vale a pena investir no esporte”

Foto: Divulgação/Sport Recife



A solução encontrada pela diretoria do Sport Recife foi baratear os espaços do uniforme para compensar o valor que se buscava com os patrocínios



Em **2020**,

o Sesc distribuiu

1.667 toneladas

de alimentos.

Foram **354** instituições receptoras,

513 parceiros doadores e

133.786 pessoas beneficiadas.

Doações por cidades))))

João Pessoa: 795.283 kg

Campina Grande: 664.570 kg

Patos: 128.906 kg

Sousa: 68.059,35 kg

Cajazeiras: 11.024,50 kg



Fotos: Walter Ullyses

Os nove inselbergs de Patos

Formações rochosas irrompem na paisagem do Sertão formando "ilhas" de peculiaridades na planície onde fica a cidade

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

O município de Patos fica bem no centro do estado da Paraíba; 307 quilômetros separam a "Capital do Sertão" da capital João Pessoa. A depressão sertaneja, que segue após a Serra de Santa Luzia, tem sua geografia plana adornada por nove elevações rochosas. Elas são fruto de séculos de erosão e, diferente das montanhas, são pontos isolados na paisagem plana do Semiárido paraibano. A estas "ilhas" que se formam em planícies dá-se o nome de inselbergs.

São nove os corpos graníticos, também chamados monólitos, que parecem abraçar a cidade de Patos: Moro do Carioca, Serra Negra das Onças, Serrote da Lagoa, Serrote da Pia, Serrote Espinho Branco, Serrote Farinha dos Gatos 1, Serrote Farinha dos Gatos 2, Serrote Pedro Agostinho e Serrote Trapiá, cada um com sua particularidade que pode contribuir para o desenvolvimento da região.

A geografia define os inselbergs como formações rochosas constituídas por gnaisse ou granito, que possuem forma de cúpula e são resistentes a processos erosivos. São ambientes com altos níveis de radiação solar, pouca terra para plantas crescerem e com uma diversidade biológica e genética própria.

A cadeia de inselbergs de Patos, também pode ser vista em Quixadá, no Ceará, e em cidades da região do Seridó potiguar no Rio Grande do Norte, fazem parte da Província Borborema. São de origem granítica, formados nos últimos quinhentos

milhões de anos, passando por inúmeras mudanças provocadas por processos erosivos e ações intempéricas, como a água, vento e vegetação.

A expansão imobiliária que restringiu, consideravelmente, a área rural de Patos, somada a exploração da madeira, de forma extrativista, na fabricação de carvão e suporte de lenha e madeira para o consumo residencial e das indústrias, sem ações voltadas para a reposição de plantéis, foram fatores que deixaram à beira da desertificação, fato que passou a exigir a inserção de um plano de manejo, em defesa da fauna e da flora na região.

Resistentes ao tempo e às ações provocadas pelo homem, os inselbergs do entorno de Patos, são testemunhas de um incrível espírito cultural e de lutas e conquistas de um povo amável, hospitaleiro, festeiro e com o coração cheio de esperança.



Distribuição dos inselbergs pelo município de Patos

+ Formas de vida sobre a pedra

Responsáveis pela beleza natural do Sertão paraibano, os afloramentos rochosos de Patos são ricos em biodiversidade. Com uma composição que chama atenção por juntar variadas formações de plantas nativas e algumas espécies exóticas. Perfeitamente adaptadas ao clima quente e seco. Algumas conseguem armazenar água e passar pela época de estiagem ainda verde, como é o caso do mandacaru.

Geralmente, a vegetação é diferente daquela do seu entorno, devido à presença de fortes filtros ambientais, como altas variações térmicas diárias, ventos constantes, baixa retenção de água e solos superaquecidos. Tais fatores ajudam a explicar o alto grau de especificidade florística, onde são encontradas adaptações morfológicas, anatômicas e reprodutivas, consideradas vantajosas para a sobrevivência das plantas nesses ambientes.

Em 2016, alunos dos Institutos Federais da Paraíba e de Pernambuco

(IFPB-IFPE) realizaram um estudo florístico nos nove afloramentos de Patos. Além das espécies nativas da caatinga (xique-xique, juazeiro, favela e outras), eles conseguiram registrar cinco espécies exóticas no Serrote da Lagoa, Serrote da Pia, Serrote Espinho Branco, Serrote Farinha dos Gatos 1, Serra Negra das Onças, Serrote Trapiá e no Serrote Pedro Agostinho. Fato esse, que pode estar diretamente associado por eles serem os mais visitados por turistas e que tem suas áreas de livre acesso para criações de bovinos e caprinos nos arredores.

Foram identificados o melão-de-são-caetano (*Momordica charantia*), Algaroba (*Prosopis juliflora*), Jaraguá (*Hyparrhenia rufa*), grama (*Melinis repens*) e flor de seda (*Calotropis procera*).

No entanto, a vegetação arbustiva e o difícil acesso impossibilitam estudos florísticos mais acentuados nessas regiões para uma boa caracterização de sua flora e as particularidades das espécies que neles habitam.

Foto: Lusângela Azevêdo



Biodiversidade sobre inselbergs torna-se peculiar pela necessidade de adaptação ao solo rochoso e temperatura alta

Potencialidade para o ecoturismo

O município de Patos possui um grande potencial ecoturístico com os Inselbergs que apresentam a possibilidade das práticas de esportes radicais, como a escalada e o rapel. Todavia, essas formações rochosas são pouco usuais pelos escaladores e pelo público em geral.

Localizados em propriedades privadas e próximas ao perímetro urbano de Patos. Neles é possível realizar várias atividades de aventura, trilhas ecológicas, e caminhada por trilhas naturais, buscando lugares interessantes e pouco visitados, belas paisagens e maior contato com a natureza, além da autossuperação.

A beleza do local, juntamente com o relevo acidentado com ondulações e torres de pedras também pode ser explorado para prática de mountain bike.

Atualmente, dos nove afloramentos rochosos só o do Espinho Branco é utilizado com frequência para aulas de campo.



Foto: Lurran Nobrega



Foto: Divulgação

PALCO PARA AS ARTES

■ O inselberg Serrote da Pia já foi palco para produção cinematográfica. Ele foi cenário do filme "Deserto", de autoria da escritora Ana Paula Maia e direção do ator Guilherme Weber. O longa-metragem, gravado em 2014, na Vila Picotes, em São Mamede e em Patos, deu ao curitibano o prêmio de melhor diretor no Los Angeles Brazilian Film Festival, no ano de 2016.

Maciel Pinheiro

“Peregrino audaz” combateu escravidão e foi voluntário na Guerra do Paraguai

Hilton Gouvêa hiltongouvearaj@gmail.com

Ideologicamente, ele era considerado uma dinamite. E suas ideias abolicionistas e republicanas – na época enquadradas como crime de lesa-majestade, punível com a morte ou o exílio – eram abertamente apoiadas por dois rastilhos humanos e explosivos das causas liberais, que visavam o abolicionismo: o poeta Castro Alves e o escritor Joaquim Nabuco. O jornalista, poeta e escritor Luís Ferreira Maciel Pinheiro é assim retratado por seus biógrafos. Considerado entusiástico patriota, alistou-se, como voluntário, para lutar na Guerra da Triplíce Aliança, envolvendo Brasil, Uruguai e Argentina, contra o Paraguai (1864-70), que atacou o Brasil sem, oficialmente, declarar a guerra.

Arrojado e destemido, além de jovem adepto do antimonarquismo – aí incluindo-se o fato de ser radicalmente a favor da abolição da escravatura -, Maciel Pinheiro foi condenado a três meses de prisão dentro da própria Faculdade do Recife, em 28 de novembro de 1864, por escrever um artigo considerado injurioso contra o professor Tiago de Loureiro. É o que relata a pesquisadora Semira Adler Vainsencher, da Fundação Joaquim Nabuco.

Contra as injustiças praticadas com a finalidade de prejudicar o ilustre paraibano, levantaram-se as vozes mais rebeldes da época, na pessoa de seus companheiros, entre eles Castro Alves e Joaquim Nabuco. Castro Alves homenageou Maciel Pinheiro no seu poema “Peregrino Audaz”, depois transformado em livro.

Disse que ele era “um desses moços que simbolizam o entusiasmo, a coragem, a inteligência e o talento nas Academias”. E continuou: “Jornalista e poeta, este moço, aos reclamos da pátria, improvisou-se soldado. Hoje, quando o tempo e a distância nos separa, torna-me grato falar de um dos caracteres mais nobres que eu tenha conhecido”. O poeta baiano também homenageou Maciel Pinheiro fazendo um retrato do amigo, rabiscado a lápis. Joaquim Nabuco foi mais enfático, descrevendo Maciel Pinheiro na Guerra do Paraguai.

“Em toda a imprensa não há ninguém cuja pena corte igual a uma espada como a dele, não há outro que seja ao mesmo tempo escritor ardente, o magistrado inflexível e o soldado patriota que ele é”, escreveu Joaquim. Foi contemporâneo, na Faculdade de Direito do Recife, aonde chegou em 1860, de Tobias Barreto, Martins Junior, Fagundes Varella e Castro Alves. Fundou, com Martins Junior, em Recife, o jornal O Norte (não confundir com o similar paraibano, criado por Orris Soares, tio do humorista Jô Soares) que teve dois anos de duração, na fase turbulenta da transição entre o Império e a instauração da República.

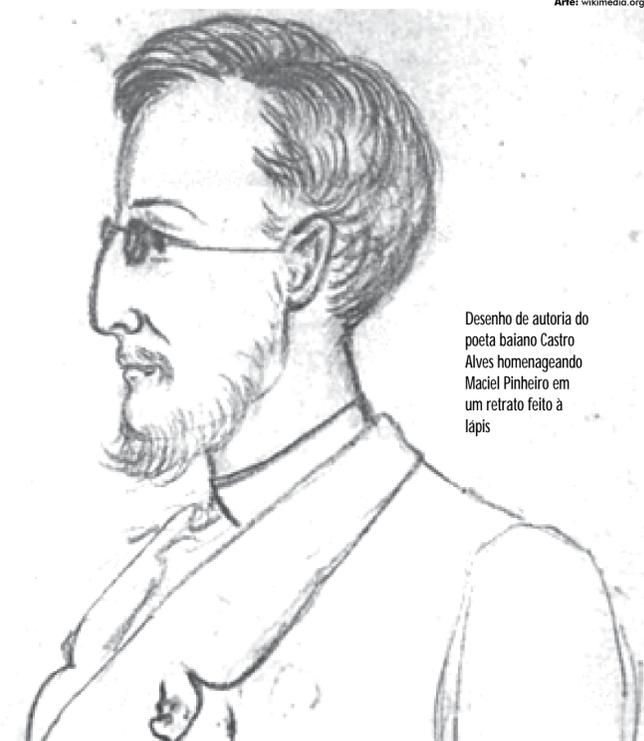


Escrever artigos para escapar do tédio e da inércia

Maciel Pinheiro nasceu na cidade de Parahyba do Norte (atual João Pessoa), em 11 de dezembro de 1839, filho do português Braz Ferreira Maciel Pinheiro e de Margarida Maciel Pinheiro. Morreu numa casa que adquiriu em Recife, na Rua da Aurora, em 9 de novembro de 1889, seis dias antes da Proclamação da República, um regime que sonhava ver instalado no Brasil. A causa de sua morte foi diagnosticada como debilitações físicas provocadas por seguidas febres maláricas, que o contaminaram durante as batalhas na Guerra do Paraguai.

Ao deixar o cenário da guerra, ele volta ao Recife, finaliza o curso de Direito e casa-se com Isabel de Castro. Dá início à sua trajetória profissional, iniciando como promotor de Justiça no Rio Grande do Sul. Retorna ao Nordeste, por não se adaptar ao clima frio. Assume o cargo de juiz substituto no Recife e juiz titular em Taquaritinga e Timbaúba (PE). Também foi juiz de Direito no interior do Pará e Ceará. Ficou viúvo em 1880, com três filhos: Tomaz, João e Luiz. Ocupou a cadeira de número 22 da Academia Pernambucana de Letras.

A imprensa absorvia a maioria de seu tempo como válvula de escape. Começa a redigir artigos para O Jornal do Recife e A Tribuna, sempre enfocando os assuntos com seus ideais abolicionistas firmes nos direitos individuais de liberdade e igualdade. No dia 13 de maio de 1888, os jornais em que escrevia surgiram com matérias estratégicas assinadas por Maciel Pinheiro, Joaquim Nabuco e José Martins. Com José Mariano, participa do Jornal a Província. Maciel Pinheiro, hoje, é nome de praças e ruas em Campina Grande, Recife, João Pessoa e outras capitais do Brasil. Diversas homenagens ao paraibano que, com as suas letras e ações, foi fundamental para a história do nosso país.



Desenho de autoria do poeta baiano Castro Alves homenageando Maciel Pinheiro em um retrato feito a lápis

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Notícias de afeto, jornais e naftalina

Sou uma jornalista que cheira a naftalina. Há poucos dias, abri meu baú de guardados para rever cartas antigas de um amigo que hoje mora no Sul. Entre correspondências e fotos, deparei-me com uma edição de 2001 do jornal *Correio da Paraíba*.

Na verdade, o jornal inteiro não estava arquivado, apenas páginas do caderno de Cultura. Por que há mais de 20 anos eu tenho esse material guardado? Indaguei a mim mesma. A resposta estava no topo da página: “Baile dos Artistas divulgou relação com destaques do ano”. Para ser mais precisa: guardei o jornal por causa do segundo parágrafo: “No jornalismo, o prêmio de revelação ficou com a repórter Angélica Lúcio (Jornal Correio)”.

Sim, na 12ª edição do Baile dos Artistas, eu fui apontada como Revelação no jornalismo! E dividi a honraria com amigos muito queridos. Francisco França (então no jornal *O Norte* e que depois trabalharia comigo no *Jornal da Paraíba*) foi eleito o melhor repórter fotográfico; Sebastian Fernandes ganhou destaque como programador visual; e Elinaldo Rodrigues, como repórter setorizado. O destaque como editor setorizado coube a Antônio Costa. A matéria (que infelizmente não está assi-

nada) também apontava a melhor reportagem do ano: “Fraude do álcool”, escrita por Patrícia Teotônio e Anísio Neto (ambos integravam a editoria de Economia do Correio). O Baile dos Artistas também indicou os nomes feminino e masculino de destaque: Fátima Souza e Hélder Moura.

Publicada na página 3 do Correio da Paraíba, a reportagem ainda mostrava os destaques do ano 2000 em outras categorias: cinema; vídeo; televisão e rádio; artes plásticas; teatro; música e literatura. Ulisses Barbosa e Lisiane Loureiro foram eleitos os nomes masculino e feminino na categoria TV, que também apontou a querida Daniele Huebra como revelação. Denise Vilar, que já integrou os quadros deste jornal A União, foi escolhida como melhor produtora enquanto Romye Dantas se destacava como repórter (que hoje esbanja bom humor com suas mungangas no Instagram).

No rádio, Nena Martins e Giovanni Meireles foram os nomes feminino e masculino. Já Giuliana Costa (atualmente ocupando cargo de chefia na TV Cabo Branco) se destacou como revelação. Os melhores programas FM e AM foram “Tony Show” e “A Hora da Bronca”, ambos do Sistema Correio.



Como o espaço da coluna é limitado, não dá para elencar aqui todos os destaques que o Baile dos Artistas apontou como os “melhores do ano 2000”. Mas vou citar mais alguns. Jessier Quirino, atualmente uma espécie de homem-show, aparecia como revelação na literatura. Já o poeta Sérgio de Castro Pinto (mestre que adoro) teve a obra “Perto daqui, aqui mesmo” escolhido como o livro do ano. Walter Galvão e Cristina Guedes (por onde andar?) foram os nomes masculino e feminino na literatura. Zezita Matos foi a melhor atriz do ano na categoria teatro, que também teve como melhor espetáculo adulto “As Velhas”. Jornais antigos são um registro do tempo.

Ajudam a contar a história. Quanto prazer eu tive em encontrar essa matéria do *Correio da Paraíba* – veículo que, infelizmente, há um ano, teve as atividades encerradas.

Sinto muita saudade dessa época, principalmente de ocupar as ruas como repórter em busca de notícias. Na semana passada, pude encontrar presencialmente alguns colegas jornalistas durante a visita do ministro da Saúde à Paraíba. Mesmo na posição de assessora de comunicação, pude reviver por alguns momentos a sensação de dividir espaço e pauta com profissionais queridos! E se houvesse um novo Baile dos Artistas, certamente incluiria alguns na minha lista de “melhores do ano”.

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Quero que vá tudo pro céu...

Nesses angustiantes e/ou angustiados dias, meses, anos (?) em que vivemos – tempos de isolamento social, provocados pela pandemia do coronavírus, e de divergências ideológicas originadas do antagonismo político em que vivemos – certamente que há uma espécie de unanimidade nacional quando falamos de música: Roberto Carlos.

Semana que passou, o Brasil reverenciou aquele a quem o nosso mundo musical elegera, simplesmente, como “rei” da música, obviamente, em função dos seus oitenta anos bem vividos e bem cantados.

Buscando sair da mesmice já bastante decantada na mídia nacional, lembrei-me de um fato que a mim sempre me pareceu interessante, embora dentro de um universo restrito (desculpem o paradoxo) de minha cidade interiorana, Cajazeiras. Sim, minha terra, certamente, ainda reverencia o nosso ídolo maior da Jovem Guarda.

Em 1966, pelas ondas de então recém-criada Rádio Alto Piranhas, este colonista apresentava um programa por aqueles microfones, dedicado ao incipiente movimento musical que conquistou mentes e corações da juventude. O seu nome “Os brotos comandam”, dizem que de “audiência fechada”, tanto em função da novidade de solicitarem-se as músicas por telefone, mas e, sobretudo, porque tanto uma emissora radiofônica (cha-



O “polêmico” LP inutilizado por Dom Zacarias

mava-se “rádio”) como o telefone residencial eram novidade em nossa terra. O programa ia ao ar no horário das 13 às 14h. Imagine-se isso numa época em que a TV ainda não havia chegado por lá, muito menos a Internet, os Smartphone, os streamings...

Era a efervescente onda dos Beatles, Rolling Stones, Renato e seus Blue Caps, Fevers, Golden Boys e tantos outros. Pontificavam no programa as músicas de RC e sua turma da JG: Erasmo, Wanderlea, Demetrius, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Eduardo Araújo, Sérgio Reis, Leny e Lilian, Silvinha, Martinha... Em 1965, RC havia lançado o seu LP Jo-

vem Guarda, cuja primeira faixa do lado A era a ainda hoje emblemática “Quero que vá tudo pro inferno”. No meu programa radiofônico supramencionado, a música passou a ser a mais solicitada. Programa no ar... Por volta das 13h30, “não mais que de repente”, surge no estúdio o nosso prelado e querido Dom Zacarias, diretor-presidente da RAP. Vinha em busca de “ver” o disco que continha o sucesso de RC, donde se conclui que ele também ouvia o meu programa radiofônico. Vibrei com isso. Dirigi-se ao que, à época, chamávamos de “controlista” Geraldo Gomes (GG) e, de posse do LP, buscou com uma auxiliar (Zuleide) um prego ou coisa que o valha. Prontamente, riscou a primeira faixa, advertindo-nos de que “aquele tipo de música” não poderia mais ser tocada em uma emissora católica. Despediu-se e, certa e tranquilamente, foi ouvir o restante do programa no seu Palácio Episcopal, localizado a cem metros da RAP. E não se falou mais nisso nem se tocou mais o “Quero que vá tudo pro inferno”.

Não sei qual a reação do público católico/religioso pelo Brasil afora, mas sei que, talvez por simples coincidência, no seguinte, RC gravou, como primeira faixa do seu LP anual, outro grande sucesso: “Eu te darei o céu”. Esta, sim, poderia apresentar no seu programa.

Daí pra frente, todos já sabem: RC, ao atingir as suas oito décadas de vida, é ouvi-

do e aplaudido por dez entre dez audiófilos e, certamente, também o seria por nosso amado e respeitado episcopo.

Por que ouvido por todos? É que RC fez e interpretou música para todos os gostos. Senão, vejamos:

- para a jovem guarda, não necessariamente “juventude transviada”: É proibido fumar, O Calhambeque, Splish, Splash (esta de Bobby Darin), Parei na contramão, Os Sete Cabeludos;
- para os que cultivam as gírias (objeto de matéria de capa da revista Realidade da época): Não é papo pra mim, É papo firme, Mexerico da Candinha;
- para os que cultivam os amores familiares: Madraستا, Minha Tia, Lady Laura e Meu querido, meu velho, meu amigo;
- para os que necessitam de psicoterapias: O Divã, Traumas, A Janela;
- para os amantes: Amada amante, Proposta, Seu Corpo, Cavalgada, Os Seus Botões.

Se vivo fosse Dom Zacarias, eu o presentearia com o CD “Mensagens”, coletânea dos anos 90, contendo doze faixas de cunho direcionadas aos que cultivam alguma religiosidade: Jesus Cristo, Nossa Senhora, Luz Divina, O Terço, Jesus Salvador, Aleluia, Fé, A Montanha, Estou aqui, Ele está pra chegar, Quando eu quero falar com Deus, Coração de Jesus.



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Invista e espere!

Este é o momento. O mercado está em baixa e turbulento, e isso pode significar oportunidades de negócios para sua empresa e negócios rentáveis.

Sabemos que a crise causada por toda essa pandemia pegou todos de surpresa em um momento quando se esperava que o comércio e o mercado iriam esquentar; mas tudo indica que nessa fase de segundo novo normal haverá o retorno de toda parte da área de hotelaria, onde entram hotéis, bares, restaurantes... então, está na hora de começar a rever seus conceitos, valores, consultorias e essa é uma forma de investimento com um retorno a curto prazo.

Esse não é um motivo de ficar desanimado, pelo contrário. É uma nova fase de um novo normal. É juntar sua equipe de trabalho, fazer os treinamentos necessários, adequar as normas de segurança, tanto de seus funcionários, como também de seus clientes e estabelecer metas a serem batidas durante a semana, e melhorar mais o aquecedor de suas redes sociais.

Aprenda a entender seu negócio, vamos controlar as emoções do que se tem para pagar, tentando negociar com seus fornecedores. Entenda sua situação financeira. Se é hora de buscar uma linha de crédito com seu banco para esse investimento. Veja a oportunidade que seu consultor poderá lhe mostrar para ter um resultado mais rápido e não tenha medo de arriscar, essas são as formas mais simples de reabrir para o novo normal mais uma vez e de maneira segura.

Neste momento da pandemia, o ramo de hotelaria foi o que mais sofreu e vem sofrendo; muitos não se adequaram ao delivery, estão no zero e com muitas contas a pagar.

O cenário é totalmente novo para todos. A crise financeira é geral e o alto número de desempregados também era algo que ninguém imaginava que pudesse acontecer novamente. Por isso, a melhor forma de escolha, e de não errar, é agora nas suas ações de negócios e investimentos.

Claro que não tem como ficar totalmente tranquilo, mas procure controlar suas emoções diárias, sabemos que o seu patrimônio teve uma queda valorosa e terá que correr atrás do prejuízo. Mas, como diz o ditado: "Cautela e canja de galinha não fazem mal a ninguém".

Não tenha medo de investir, afinal temos que ser gananciosos neste momento onde todos têm medo. O que temos a perder? Se o que está perdido só voltará com o esforço de nosso trabalho.

Quero deixar uma palavra de coragem para você, o período de crise é normal em qualquer local do mundo e o empresário que é inteligente sabe que tão logo o resultado virá.

Vamos à luta e mudemos esse jogo.



PRATO DO DIA

Hamburguer artesanal

Ingredientes

- 6 pães de hambúrguer
- Manteiga para grelhar
- 12 fatias de queijo cheddar
- Requeijão para passar nos pães
- 1/2 xícara (chá) de picles de pepino fatiado
- 1 kg de patinho moído
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Azeite para criar liga

Modo de preparo:

- 1) Para o hambúrguer, misture as carnes e sal até formar uma massa homogênea com um toque de azeite de oliva. Modele os hambúrgueres, apertando-os bem para compactá-los. Reserve.
- 2) Em uma frigideira, em fogo médio, toste levemente os pães com manteiga e reserve. Aqueça uma frigideira com azeite em fogo alto até ficar bem quente. Coloque o hambúrguer, polvilhe com sal

- e pimenta, e deixe grelhar por 3 minutos de cada lado.
- 3) Coloque duas ou mais fatias de cheddar sobre cada hambúrguer e deixe derreter;
- 4) Para a montagem, espalhe um pouco de requeijão em uma parte dos pães, coloque o hambúrguer com queijo, os picles de pepino. E cubra com outra metade de pão e sirva acompanhado de batata frita.

PITADAS A GOSTO

O hambúrguer é o principal símbolo do fast food, e é encontrado no mercado de várias maneiras, desde um simples com pão, carne e queijo, até os mais especiais feitos com filé, picanha e molhos mais trabalhados. No Brasil, o hambúrguer chegou em meados dos anos 50.

Assim como diversos pratos e ingredientes, o hambúrguer também tem uma história controversa. De concreto nessa história, apenas o fato dos EUA não ser o criador do hambúrguer. Os americanos contribuíram adicionando o pão ao hambúrguer, e tornando-o sanduiche, isso quando o hambúrguer chegou à América trazido por imigrantes alemães vindos de Hamburgo. Mas na verdade o hambúrguer foi criado muito antes (século 13) na Mongólia, quando os cavaleiros amaciavam a carne, colocando-a debaixo da cela do cavalo.

QUENTINHAS

A Gorlami Pizzaria Delivery está com uma super novidade que é a pizza de frango aos quatro queijos e muitas promoções que dão direito até a entrega grátis. Seu Instagram é @gorlami.JP

O Camaratuba Hotel Fazenda Camaratuba vem fazendo uma grande reforma para melhorar mais ainda a estrutura para seus clientes e estará de volta a receber seus hóspedes em julho com uma nova roupagem. Seu Instagram @camaratubahotel

Já pensou em ter um chef treinando a secretária de sua casa? Pois é este é um dos meus mais novo trabalho, e já venho fazendo e está dando super certo, um trabalho de assessoria na sua residência. Quer saber como funciona? É só entrar em contato no direct do meu Instagram @waltinhoulysses